RANGEL DE LIMA e FERREIRA DE MESQUITA

VISÃO REDEMPTORA

DRAMA EM 5 ACTOS

PORTO
Livraria da Viuva Moré — Editora
PRAÇA DE D. PEDRO
1870

VISÃO REDEMPTORA

DRAMA

VISÃO REDEMPTORA

DRAMA EM 5 ACTOS

ORIGINAL

DE

RANGEL DE LIMA e FERREIRA DE MESQUITA

PORTO

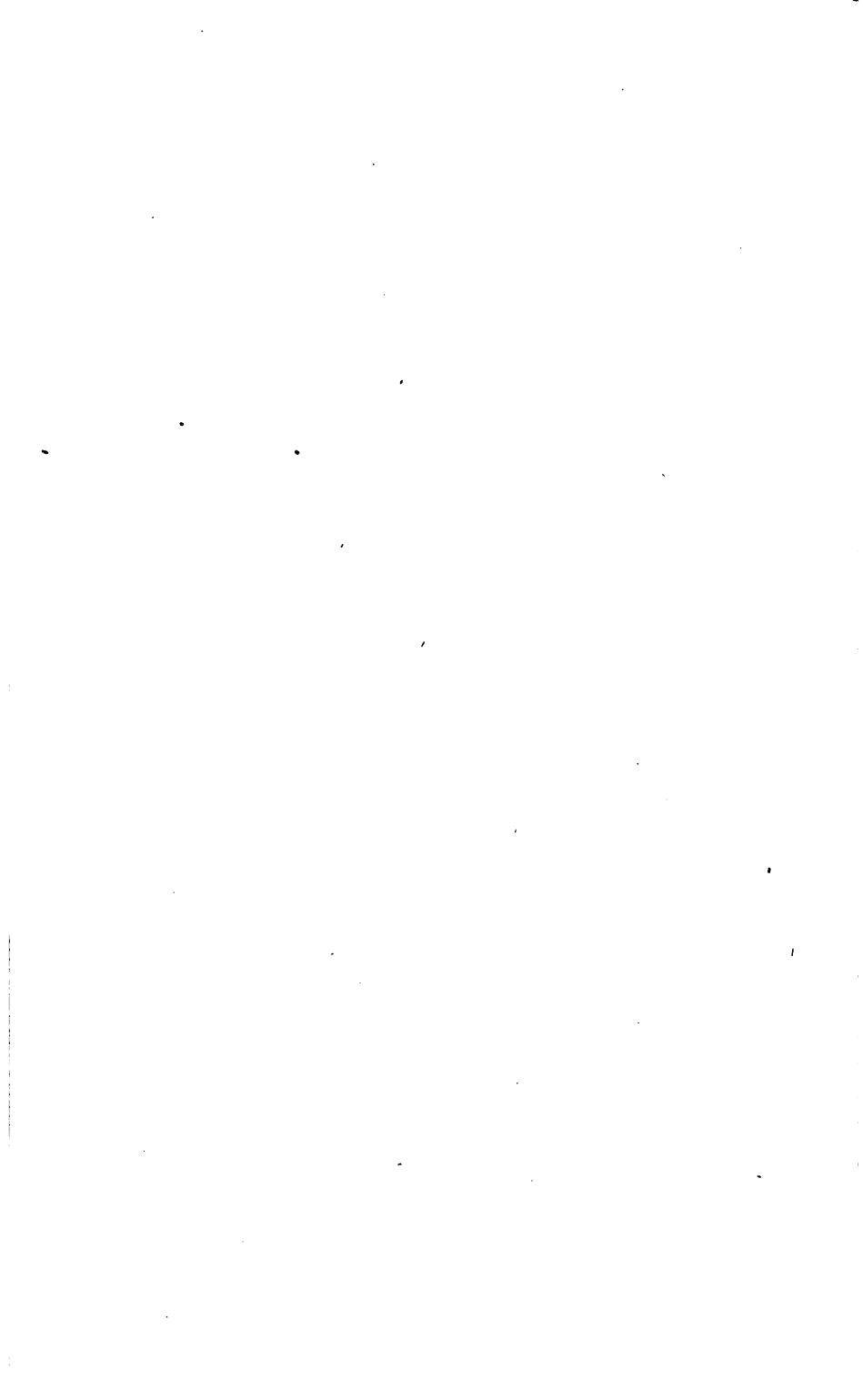
Livraria da Viuva Moré — Editora

PRAÇA DE D. PEDRO

1870

À

CIDADE DO PORTO

Os authores.

PERSONAGENS

FERNANDO	Snr.	*Tasso*
ROBERTO DE ANDRADE	»	*Polla*
LIBANIO	»	*Theodorico*
LUIZ.	»	*Brazão*
RODRIGO.	»	*João Rosa*
O VISCONDE.	»	*Pinto de Campos*
PIETRO GALILEU	»	*Cesar de Lima* / *Heliodoro*
O CONSELHEIRO.	»	*Barreto*
UM MEDICO.	»	*Moreira*
UM EMPREGADO PUBLICO . . .	»	*Amaro*
O FACHINA	»	*Joaquim de Almeida*
MAGDALENA	Snr.ª	*Emilia Adelaide*
EMILIA	»	*Maria das Dores*
A VISCONDESSA	»	*Gertrudes*
MARIQUINHAS	»	*Julia*
UMA SENHORA	»	*Jesuina*

Convidados de ambos os sexos. Em Lisboa.

Actualidade.

Representado pela primeira vez no Porto, no Theatro de S. João, em beneficio do actor Tasso, aos 25 de Abril de 1870; e em Lisboa, no Theatro de D. Maria II, no dia da Inauguração da estatua do Imperador D. Pedro IV, aos 29 do mesmo mez e anno.

ACTO I

Uma saleta; mobilia revelando poucos haveres, mas extremo aceio; á esquerda, uma marqueza antiga com almofadas de riscado; á direita, uma secretária; porta ao fundo, dando para a escada; portas lateraes que communicam com o interior da casa; janella á direita; ao fundo e ao lado da porta um relogio de parede antigo. É uma hora da tarde.

SCENA I

Luiz, só

(Entrando pelo fundo.) Dá licença, snr.ª D. Magdalena? *(comsigo)* Que silencio para um dia de festa! *(alto)* Eu vou entrando... Ó snr.ª D. Magdalena, póde-se dar-lhe os parabens pelos annos da sua filhinha?

SCENA II

Luiz e Emilia

EMILIA *(entrando prazenteira e jovial)*

Oh!... É o snr. Luiz Fragoso!... Que milagre é este?... Á uma hora da tarde fóra da imprensa?!

LUIZ

Então!... um dia bom mette-se em casa. Não são hoje os annos da Mariquinhas? Venho dar os parabens á snr.ª D. Magdalena e trazer uma lembrança á tua encantadora sobrinha.

EMILIA

Bravo!... Viva quem nunca se esquece de nós!

LUIZ

Quem nunca se esquece! Diga antes: quem vive constantemente a pensar n'esta casa, quem deseja com ardor pertencer a esta familia, *(apertando-lhe a mão entre as suas)* quem a estima do intimo da alma!

EMILIA

E quem é sempre recebido com amisade.

LUIZ

Só com amisade?

EMILIA *(baixando o olhar e a voz)*

E com amor.

LUIZ

És um anjo, e eu adoro-te!

EMILIA *(desviando a conversação)*

Deixa-me vêr a prenda para a Mariquinhas?

LUIZ *(tirando da algibeira uma caixinha)*

Ouvi o outro dia dizer a tua cunhada que logo que podesse havia de comprar uns brincos para a pequenita... Vi estes que me não pareceram feios, e trouxe-os. *(Mostra-lh'os.)*

EMILIA

Ai! tão lindos!... Mas isto é uma loucura, Luiz!

LUIZ

Dize antes uma insignificancia. É apenas uma lembrança de amizade, que tem simplesmente o valor de testemunhar aos paes a affeição que tenho áquelle anjo que Deus lhes concedeu.

EMILIA

Está tão bonita a pequena! É uma belleza!

LUIZ

Quem sae aos seus não degenera. A mãe é formosa e gentil, o pae esbelto e elegante... a quem havia de ella saír se fosse feia?

EMILIA

Ás vezes as sobrinhas parecem-se com as tias. Podia parecer-se comigo.

LUIZ

Comtigo? O vidro do teu espelho affirma o contrario. E não só o espelho, mas a bôca de toda a gente. *(Outro tom)* Ainda hontem á noite alguem t'o disse com profunda convicção.

EMILIA

De quem pretendes fallar?

LUIZ

Do maior amigo de teu irmão.

EMILIA

De Roberto de Andrade?

LUIZ

Sim. D'esse homem que, desde que entrou n'esta casa, não deixou ainda de te dirigir amabilidades frivolas e de me perseguir... a mim... com epigrammas indirectos. Detesto-o!

EMILIA

Ora... Roberto é, como todos os homens, galanteador

de profissão e mentiroso por habito. O que elle diz são phrases que o vento leva.

LUIZ

Enganas-te, Emilia... Roberto é um homem a quem teu irmão não devia de chamar amigo, nem receber de braços abertos, como recebe.

EMILIA

Não sei porque. Já não é pouco a Magdalena tratal-o sempre como quem despede hospedes. Chega a ser falta de cortezia da parte de minha cunhada.

LUIZ

É que ella sabe ha muito o que tu ignoras. Conhece que Roberto de Andrade é o anjo mau de teu irmão... que é elle que tem feito do Fernando um jogador... que o tem levado a esquecer um pouco o amor pela casa e pela familia... Receio pois que esse homem se atreva a pensar em ti...

EMILIA *(graciosa)*

Como eu não penso n'elle, não tens que receiar.

LUIZ

Em todo o caso, Emilia, escolhi o dia de hoje, o dia dos annos da unica filha do Fernando, para me expli-

car francamente com elle e pedir-lhe que escreva ao pae, para que me conceda a tua mão.

EMILIA *(com alegria)*

Vens fallar-lhe hoje!

LUIZ

Venho. A incerteza em que vivemos é insupportavel. Deus, que nos ouve, é testemunha do muito que tenho soffrido, ignorando as tenções de teu irmão, com respeito a esse Roberto de Andrade.

EMILIA

E se meu irmão recusar... se o Fernando se oppozer ao nosso casamento... quem nos ha-de proteger?

LUIZ *(sorrindo)*

Olha, Emilia, aquelle anjinho. *(Mariquinhas vem correndo da esquerda em roupas brancas. A mãe segue-a com o corpete branco, o vestido e um laço de fita na mão.)*

SCENA III

Luiz, Emilia, Mariquinhas e Magdalena

MARIQUINHAS

Ó mamãsinha... deixe-me!

LUIZ *(tomando-a nos braços)*

Viva a snr.ª D. Mariquinhas! Dou-lhe os meus parabens, um beijo e esta caixinha. *(Dá-lhe a caixa.)*

MAGDALENA

Ora que incommodo! Isso não me agrada... E esta traquinas, apenas eu lhe eu disse que o senhor cá estava, soltou-se-me dos braços e veio correndo n'este bonito traje!

EMILIA *(que tem posto os brincos em Mariquinhas)*

Então... vá dizer — muito obrigado — ao snr. Luiz Fragoso e dar-lhe um abraço, ande!

MARIQUINHAS *(beijando Luiz e meneiando a cabeça com desvanecimento infantil)*

Parecem duas cerejas!

MAGDALENA

Mas que bonitos coraes! Tem muito bom gosto, snr. Fragoso. *(Com intenção)* Em tudo; não, Emilia?

EMILIA *(sorrindo)*

Não me atrevo a desmentir-te.

LUIZ *(a Mariquinhas)*

Então fugiu lá de dentro sem estar vestida!

MARIQUINHAS *(mirando-se)*

Se eu fosse como a mamã ou como a tia Emilia... uma senhora... não vinha cá fóra assim.

MAGDALENA

Anda cá, Mariquinhas, vamos vestir o vestido novo que a mamã acabou para hoje... Olha, não está bonito? *(Colloca a filha entre os joelhos e começa a vestil-a.)*

EMILIA

O que tu precisavas era um vestido de cauda, como a tia faz para as senhoras fidalgas levarem aos bailes.

MAGDALENA

Havia de lhe ficar bem! *(Á filha)* Vamos!... Este bracinho... não... o outro...

LUIZ

Sempre tem uma pachorra, a snr.ª D. Magdalena!

EMILIA

Deitou-se ás duas horas da noite para acabar o vestido á filha.

MAGDALENA

O que tu não dizes é que me estiveste ajudando até essa hora.

LUIZ *(a Mariquinhas)*

A mamã e a tia são muito suas amigas, não é verdade?

MARIQUINHAS

São. O papá é que não gosta de mim!

MAGDALENA

Mariquinhas! Isso não se diz!

MARIQUINHAS

Não é meu amigo, mamã.... o papá não é meu amigo... Não me deu presente e ainda nem sequer o vi hoje...

MAGDALENA

O papá, minha querida filha, tem muito que fazer, não póde deixar de ir á loja, e hoje mesmo, apezar de ser dia santificado, para lá foi. *(A Luiz)* E é verdade, snr. Fragoso, o meu Fernando mata-se a trabalhar! *(A*

Mariquinhas) Mas deixa estar que elle, em vindo para casa, decerto ha-de trazer-te alguma coisa.

LUIZ

Tem havido agora muito que fazer?

MAGDALENA

Não imagina... Está gravando uma collecção de chapas, julgo eu... não tem tempo para coisa alguma... Depois... é com tanta pressa, que até de noite trabalha, fechado n'esta casa.

EMILIA

Quando hontem nos deitamos ainda elle ficou a trabalhar.

LUIZ

É uma terrivel profissão a de gravador. Dá cabo da vista.

MAGDALENA

E da saude. Anda tão pallido, o Fernando!

MARIQUINHAS

E sempre zangado com a menina!

MAGDALENA *(beijando a filha e limpando furtivamente uma lagrima)*

Não anda zangado comtigo, não, meu amorsinho.... Teu pae anda cançado, falta-lhe a saude e a alegria. *(Comsigo)* Até este anjo repara n'aquelle abandono!

LUIZ

Ó Mariquinhas... o avô mandou os parabens á menina?

MAGDALENA

Ainda não recebi carta, mas decerto se não esquece. E então elle, que bebe os ares pela neta!

MARIQUINHAS

Mas ainda que o avô escreva... eu não sei lêr!...

LUIZ

O avô escreve á mamã ou ao papá...

MAGDALENA

Um de nós lê a carta e tu ficas sabendo o que ella diz.

EMILIA

Está tão acabado, o meu pae!

MAGDALENA

Os trabalhos não passam sem deixar vestigios. Quando nós nascemos já elle andava com o peito exposto ás balas, pela causa da liberdade.

LUIZ

É um dos sete mil e quinhentos bravos do Mindello, não, snr.ª D. Magdalena?

MAGDALENA

É. O meu sogro é um modelo de honra e de bravura.

SCENA IV

Os mesmos e Libanio

LIBANIO *(que tem aberto a porta do fundo e ouvido as ultimas palavras)*

Pois olhem que me parece que o tal sujeitinho não é lá muito boa peça! Quem quer vêr o demonio, é fallar-lhe na pelle; fallae no mau, olhae para a porta.

MARIQUINHAS *(correndo para elle)*

Ai! o meu avô!

EMILIA

O meu querido pae em Lisboa! Então como está?

LIBANIO *(que tem pegado em Mariquinhas ao collo)*

Agora estou quasi afogado! Esta pequena pensa que está apertando o pescoço de uma boneca! Schiu!... Ó rapariguinha, olha que o avô é de carne e osso.

MAGDALENA

Ora que surpreza tão agradavel que veio fazer-nos!

LIBANIO *(sentando-se e collocando Mariquinhas sobre os joelhos)*

Eu faltava cá n'este dia! Só se as pernas estivessem de todo ferrugentas. Nada!... Queria vir dar dois beijos na minha Mariquinhas... *(beija-a)* e venho tambem para levar minha filha. *(A Emilia)* Para ausencia já basta, snr.ª D. Emilia... Venho buscal-a. Estou lá muito só na Torre.

MAGDALENA

Mas havia de lhe custar muito a jornada, com este calor!

LIBANIO

Qual! Da torre de S. Julião a Lisboa é um abrir e

fechar de olhos. Tenho feito marchas maiores... e eu não vim a pé... Vim n'um burrico até Oeiras, e depois no omnibus. *(Á neta)* Olha, vim d'este modo... *(fazendo-a pular nos joelhos)* Anda, burrinho, para Azeitão... que os outros já lá vão!...

LUIZ *(a Emilia)*

Como elle é jovial, com os seus sessenta e tantos!

EMILIA

O meu pae não conhece este senhor?

LIBANIO *(fixando Luiz com a vista)*

Parece-me que já cá o vi em casa o anno passado... Não é o snr. Luiz Pedroso?

MAGDALENA *(sorrindo)*

Pedroso, não. É o snr. Luiz Fragoso, typographo na imprensa nacional.

LIBANIO

Typographo? Pois sabe o que lhe digo?... É que ha-de ter composto muita coisa boa, mas ha-de ter ajudado tambem a fazer muita tolice... A imprensa!... Emfim, passemos adiante! *(A Mariquinhas)* Anda, burrinho, para Azeitão...

MAGDALENA

Está-se incommodando.... A Mariquinhas já pesa muito!

LIBANIO

Nem por isso... Ella demais a mais está quasi como a nossa mãe Eva andava no paraiso...

MAGDALENA

Estava para a vestir quando entrou e ella me fugiu do collo.

LIBANIO

D'aqui a meia duzia de annos já tu começas a ter frio e a não andar tanto á fresca. E, vamos com Deus, que em ella chegando aos quinze, ha-de ter muito quem lhe faça o seu pé de alferes.

MARIQUINHAS *(que tem afagado Libanio, dando-lhe de quando em quando um beijo)*

Eu sou muito sua amiguinha... e faço hoje annos.

EMILIA

Olhem que interesseira! Ó Magdalena, ralha com ella!

LUIZ

Ora, crianças!

LIBANIO

Pois aqui tem o seu presente, minha senhora. *(Vae ao fundo onde pozera o chapeu e um rolo de papel.)* Trago-te um menino para tu brincares.

MAGDALENA

Lá foi o pae fazer uma despeza...

LIBANIO

Ora adeus! Veja lá, snr.ª D. Maria... *(Mostra o rolo de papel.)*

MARIQUINHAS

É um menino?!

LIBANIO *(Desenrolando uma estampa de tamanho natural, representando um zuavo de grande bigode e pintado a côres)*

Aqui está elle. Hein? *(Mariquinhas medrosa, abriga-se no collo de Magdalena.)* Anda cá, não tenhas medo. Tu és tontinha? Não vês que isto é de papel? Olha, olha! Em frente, ordinario — marche! *(Marcha com o zuavo)* Então?

MAGDALENA

Vae agradecer ao avô, filha.

LUIZ

É um mocetão quasi da minha altura, o tal zuavo!

LIBANIO

Olha, olha, parece-se com teu pae, Mariquinhas... É verdade... onde está elle? O meu Fernando não está cá?

MAGDALENA

Não, senhor. Saiu muito cedo e ainda não voltou.

EMILIA

Anda muito preoccupado. É raro estar en casa!

LIBANIO

Pois n'um dia d'estes... sendo domingo... não está meu filho com a sua familia?! *(Severo)* Não me parece bem similhante ausencia!

MARIQUINHAS *(innocentemente)*

O papá ralha tanto com a mamã!

LIBANIO *(Puxando de parte Magdalena e em voz baixa)*

É verdade o que eu acabo de ouvir da boca d'aquel-

la criança? *(Emilia e Luiz vão para a janella conversando.)*

MAGDALENA

Quem faz caso do que dizem crianças?

LIBANIO

Falle verdade, Magdalena! Meu filho trata-a mal? *(Mariquinhas vae para junto de Emilia, que lhe veste o vestido, ata-lhe o cinto, etc.)*

MAGDALENA

Oh! pelo contrario!

LIBANIO *(fixando-a com o olhar)*

Esses olhos estão negando o que os labios affirmam. *(Com energia)* Quero saber tudo!

MAGDALENA

Fernando... não tem com a Mariquinhas aquelle extremoso carinho, que manifestava em outro tempo. Traz o espirito tão absorto em uma ideia que parece atormental-o, que é difficil obter d'elle uma palavra. Nunca está em casa... Trata-nos ás vezes tão desabridamente...

LIBANIO

Que subita mudança! Hei-de interrogal-o, porque tal procedimento é...

MAGDALENA *(arrependida do que disse)*

Oh! não ralhe com elle, não? É o trabalho... unicamente o trabalho, que o obriga a tão longas ausencias e aos seus repetidos enfados. *(Com simplicidade)* Ninguem lh'o póde levar a mal. *(Mariquinhas está já ao fundo brincando.)*

LIBANIO

Levo-lh'o eu. Todos teem horas para trabalhar, mas ha sempre occasião para gosar as ineffaveis doçuras da vida em familia. Só os extravagantes não param em casa!...

MAGDALENA

O muito que lhe quero é que me faz estranhar o procedimento de Fernando. Sou eu... sou eu decerto que não tenho rasão e me torno exigente... Fernando é um excellente esposo...

LIBANIO

Mas hoje... hoje... porque não está elle em casa? *(Com aspereza)* Diga-me tudo, Magdalena! Se meu filho anda fóra do bom caminho...

MAGDALENA *(custando-lhe a fallar, porque o pranto lhe embarga a voz)*

Meu pae!...

EMILIA

Ó Mariquinhas, queres vêr quem ali vem?

MARIQUINHAS *(correndo para a janella)*

É o papá?

LIBANIO *(a Magdalena)*

Vejo que pretende occultar-me os pezares que a atormentam. Essas lagrimas denunciam-a.

SCENA V

Os mesmos e Fernando

FERNANDO *(entra pelo fundo, não repara em pessoa alguma, conserva o chapeo na cabeça e dirige-se á secretária, onde colloca um embrulho que tira da algibeira)*

Consegui! *(Fica preoccupado.)*

MAGDALENA *(em voz baixa)*

Fernando! Não vês teu pae, Fernando?!

FERNANDO

Meu pae! *(Vendo-o e tirando logo, respeitoso, o chapéo)* O meu pae em Lisboa! Estava longe de suppôr!...

LIBANIO *(magoado)*

Tambem eu não esperava que tu entrasses sem me vêr, Fernando!

FERNANDO *(beijando-lhe a mão e abraçando-o)*

Perdoe a minha distracção. Trago o espirito inquieto e absorto por causa de um trabalho de immensa responsabilidade...

LIBANIO

Homem! Manda hoje ao demonio as responsabilidades, os trabalhos e dá a mão a beijar a tua filha. *(Apresenta-lhe Mariquinhas.)*

FERNANDO *(beijando-a com muito amor)*

Deus te faça... como é tua mãe. *(Aperta a mão a Magdalena, depois vendo Luiz e Emilia)* Oh! Adeus, Luiz!... Como estás, Emilinha? *(Reparando no apuro e esmero com que todos estão vestidos)* Mas o que ha de novo cá por casa?

MAGDALENA

Quantos são hoje, Fernando?

LIBANIO *(comsigo)*

Magdalena diz bem... Aquella cabeça anda a rasão de juros!

FERNANDO

Hoje?... É o primeiro de agosto... mas?... Ah! sim, são os annos da Mariquinhas.

EMILIA

Muito esquecido és tu!

FERNANDO *(desviando supposições)*

Não... lembrava-me perfeitamente que a pequena fazia hoje annos... mas não suppunha que houvesse por isso tanto alvoroço...

LIBANIO

Cá para mim é o dia de maior gala, depois do anniversario da outorga da Carta.

MAGDALENA

Tambem o Fernando não podia esquecer-se dos annos de sua filha, não é verdade? *(Indicando o embrulho que Fernando poz sobre a secretária)* Não te dizia eu, Mariquinhas, que o papá te havia de trazer alguma coisa?

MARIQUINHAS *(precipitando-se sobre a secretária)*

É o meu presente?

FERNANDO *(evitando que ella toque no embrulho)*

Não, Maria! Aqui não se toca! *(Afagando-a)* Minha querida filha... não pude comprar agora coisa alguma... mas prometto... *(Beija-a ficando com ella*

conchegada ao peito e occultando ao mesmo tempo, com o corpo, o embrulho que está sobre a secretária.)

LIBANIO *(a Magdalena em voz baixa)*

Temos que conversar.

LUIZ *(a Emilia de parte)*

Como o Fernando está hoje distrahido e perturbado!

EMILIA *(a Luiz)*

Mas falla-lhe! Está meu pae em Lisboa, póde tudo decidir-se.

FERNANDO *(com ternura)*

Pobre criança! *(Passando-lhe os dedos pelos anneis do cabello)* Sinto que a minha vida está na tua felicidade! És muito minha amiga, sim?

MARIQUINHAS

Sou, mas ha de comprar-me uma boneca muito grande!

FERNANDO *(sorrindo com melancholia)*

O que tu quizeres, minha querida filha.

LIBANIO *(que tem fallado em voz baixa com Magdalena)*

Ora, saiba a snr.ª D. Magdalena que estou sentindo aqui... *(Indica o estomago)* um ratinho!... Tem lá dentro alguma coisa que me dê para eu *limpar o marfim?* *(Mastiga)* Soldado velho sem bornal é o mesmo que um chaveco sem lastro... Tenha paciencia... ature-me! *(Baixo)* Venha!

MAGDALENA *(saindo com Libanio)*

Ó Mariquinhas anda com o avô para a casa do jantar.

EMILIA

E aqui tem uma criada para o servir.

FERNANDO

Vae com a mamã, vae! *(Beija ainda a filha, que sáe com Magdalena, Libanio e Emilia.)*

SCENA VI

Luiz e Fernando

FERNANDO

Meu Deus que supplicio! Por pouco que as innocentes mãos d'aquella criança não descobriram a tentativa

de um crime! Nunca teria animo... se as difficuldades em que me vejo... se as enormes dividas que tenho contraido...

LUIZ *(que tem ficado indeciso)*

Fernando!

FERNANDO *(sobresaltado)*

Ainda ahi estás, Luiz?! Porque não vaes até lá dentro?

LUIZ

Preciso fallar-te de um importante assumpto.

FERNANDO

Tenho pouco tempo, e a paciencia não me sobra para te ouvir.

LUIZ

Fernando! Ouve-me, porque de ti depende a minha felicidade... e a de mais alguem.

FERNANDO

Que queres dizer? Em que te posso eu ser util? Que outra pessoa é essa a quem te referes?

LUIZ

Refiro-me... a tua irmã.

FERNANDO

A Emilia?! Bem, falla!

LUIZ

Creio que te não são estranhos os sentimentos affectuosos que tua irmã, ha muito, soube inspirar-me...

FERNANDO *(seccamente)*

Nunca reparei em similhante coisa.

LUIZ *(comsigo)*

Já o esperava! *(Alto)* Não sou rico...

FERNANDO

Dize antes que és pobrissimo.

LUIZ *(despeitado)*

Sou pobre, mas... posso e quero trabalhar... Venho pedir-te, Fernando, que falles por mim a teu pae, e obtenhas d'elle o seu consentimento...

FERNANDO

Para que?

LUIZ

Para eu casar com tua irmã.

FERNANDO *(olhando para elle em cheio)*

Enlouqueceste?

LUIZ

Ha alguma coisa de extraordinario no meu pedido?

FERNANDO

Ha effectivamente uma cegueira indesculpavel!... Tu, Luiz, um pobre typographo, um homem... que nada possue... vires pedir a mão de minha irmã!..

LUIZ

Creio que esta alliança te não faria corar?

FERNANDO

Decerto que não... mas ignoras que Emilia é tambem pobre, e que a pobresa unida com a miseria gera sempre o infortunio?

LUIZ

Tua irmã não ambiciona viver na opulencia. Uma rasoavel mediania é quanto nos basta. Porque te oppões

então a este casamento, que é o meu mais ardente desejo?

FERNANDO

Já t'o disse. Porque não quero que minha irmã vá soffrer comtigo maiores privações... Ella, formosa e prendada, tem direito a esperar uma união vantajosa; a mim, seu irmão e seu verdadeiro amigo, cumpre obstar a futuras desgraças, inevitaveis n'um enlace que a natural leviandade de uma criança lhe faz antever como a suprema felicidade... Repito; não fallo a meu pae e farei tudo para que similhante loucura se não realise!

LUIZ

Irei eu então directamente fallar-lhe... e devia já de tel-o feito, para evitar esta desagradavel recusa.

FERNANDO

Nunca lutei que não vencesse. Quando a intelligencia, a rasão e a vontade firme estão por nossa parte, a luta para o adversario é sempre uma derrota. Vae e deixa-me! *(Luiz sáe.)*

SCENA VII

Fernando, só

(Apertando a cabeça entre as mãos.) Sinto n'alma o inferno do desespero! Dar minha irmã a este homem, cujo futuro é medido unicamente pela miseria e pela

desventura!... Não!... não póde ser!... não quero que seja!... *(Contemplando a chapa gravada e a prova da nota falsa que trouxe)* Quando penso que... se eu quizesse... podia ser rico... riquissimo!... E para isso bastava-me calcar aos pés a consciencia, e abafar esta voz intima que me aconselha a ser homem de bem!... Esta nota... *(Baixando a voz)* esta nota falsa que o desespero e a ambição me levaram a fazer, podia ser o primeiro passo para a minha felicidade futura!... Se eu fizesse mais cem como esta... mil... quantas quizesse, emfim!... como se rasgariam, de um instante para outro, os horisontes da minha vida! Como se converteria em abundancia e riqueza a extrema miseria a que o maldito vicio do jogo me tem reduzido!... Rico!... Eu rico e poderoso!... Roberto de Andrade tem rasão!... *(Vendo a chapa e a prova com desvanecimento)* Só é escravo quem não póde viver senhor! E Roberto tem-me dito que não devo de ser escravo humilde e ignorado. «Tens talento, rara habilidade, repete-me elle sempre, sóbe... eleva-te!» *(Pausa)* E podia... e posso, se quizer. *(Silencio. Depois arremessando para longe a chapa e amarrotando, convulso, a nota falsa)* Não! Nunca!... nunca o meu nome ha de ser despresivel e infamado!... Jurei a mim mesmo não ceder a esta irresistivel attracção... hei de cumprir o juramento. Tenho aqui, no peito, sentimentos de honra e dignidade que não hei de repulsar do sacrario, onde até hoje os tenho sabido conservar!... Infamia é já, talvez, o que tenho pensado!... A tentativa de um crime é já de si o proprio crime!... Nunca! *(Lançando para sobre a secretária a nota amarrotada)* Este papel é a eterna condemnação!... Queima-me... oh! mas...

(Achegando-se de novo á secretária e pegando, tremulo, em a nota) mas attrae-me!... É o iman do inferno! *(Conserva a nota na mão.)*

SCENA VIII

Fernando e Magdalena

MAGDALENA

Fernando! *(Pára indecisa.)*

FERNANDO

Magdalena! *(Colloca-se rapidamente em face da mulher, encostando-se á secretária. Occulta com o corpo a chapa, e mette a nota na algibeira.)* Que queres tu, Magdalena?

MAGDALENA

Está ahi o Roberto de Andrade. Tu não o recebes, não?

FERNANDO

Porque? Porque não hei de mandal-o entrar?

MAGDALENA

Porque... Olha, Fernando... a amisade de Roberto ha de ser-te funesta e a todos nós. Diz-m'o o coração.

FERNANDO

Não cedas a esses caprichos puramente feminis.

MAGDALENA

Sabes que não tenho caprichos, e que os teus menores desejos são para mim ordens irrevogaveis... mas presinto... adivinho que Roberto é um homem fatal... Afasta-o de ti... não vivas com elle n'essa intimidade que me assusta. *(Aproxima-se de Fernando.)*

FERNANDO *(repellindo-a, receioso)*

Deixa-me, Magdalena! Não me mortifiques com apprehensões infundadas, nem com exigencias que se não justificam... Deixa-me! Vae dizer ao Roberto que póde entrar.

MAGDALENA

Meu Deus, Fernando, que mal te faria eu? Cumpra-se a tua vontade em tudo... em tudo! *(Sáe resignada.)*

SCENA IX

Fernando, depois Roberto

FERNANDO

Que santa resignação! Nem uma palavra de queixu-

me para os meus enfados e desabrimentos! *(Esconde com rapidez a chapa na gaveta, que fecha á chave. Roberto entra.)*

ROBERTO *(Entrando — Veste elegantemente, mas com abandono)*

Começo por te dar os parabens, meu amigo; não sabia que havias sido chamado a salvar o paiz... Que pasta aceitaste?... Sim... tu, pelo menos, estás ministro de estado!

FERNANDO

Porque dizes isso, Roberto?

ROBERTO

Porque, a julgar pelas difficuldades que encontrei para chegar até... até v. ex.ª, e pelo tempo que me fizeram esperar...

FERNANDO *(atalhando com sorriso contrafeito)*

Roberto!... Tu sabes que és sempre recebido com agrado, e que esta casa é... tua.

ROBERTO *(indifferente)*

Vinha passar meia hora comtigo... *(Áparte)* Dá-se hoje a batalha decididamente!

FERNANDO

Não podias vir em occasião mais opportuna. Eu morro de aborrecimento!

ROBERTO

Ah! que se tu quizesses, não terias tempo para estar aborrecido! A vida seria para ti... eu sei!... o paraiso... sem a serpente.

FERNANDO

Ha muito que me repetes essas mesmas palavras.

ROBERTO *(gracejando)*

Á falta de outras, repito estas...

FERNANDO

Vens n'uma disposição de espirito excellente!.

ROBERTO

Não tanto talvez como te parece... De hoje a um mez, sim... de hoje a um mez é que eu hei de estar... como o peixe n'agua.

FERNANDO

Porque?

ROBERTO

Não julgues que me caso... não é isso. D'aqui a trinta dias vence-se a lettra que saquei, e cujo producto — has de estar lembrado — se foi n'um abrir e fechar de olhos...

FERNANDO

Ao jogo, em que eu tambem pela minha parte...

ROBERTO

Em que tu tambem não tens sido mais feliz do que eu... *Solatium est miseris...*

FERNANDO

Se podessemos sair d'estas difficuldades e pagar o que devemos!

ROBERTO

Homem, pagar o que devo não é o que mais me seduz... A questão é ser millionario! *(Pausa)* Queres que te falle claramente? Desejas saber qual o meio seguro de obter a riqueza que tu e eu ambicionamos?

FERNANDO *(comsigo)*

Adivinho o que vaes dizer-me! *(Alto)* Para que, se estou convencido de que nunca poderei vir a ser rico?

ROBERTO

Pódes. Querer é poder.

FERNANDO

E porque o não és tu?

ROBERTO

Hei de sel-o... Que ainda assim não possuo os recursos de que tu dispões... os recursos que nascem do talento e da ambição.

FERNANDO

Do talento! Mas tu vales, por esse lado, muito mais do que eu.

ROBERTO *(puxando de um magnifico charuto)*

Dá-me antes um phosphoro, e poupa-me á sensaboria de um elogio. Deixa isso para o meu necrologio.

FERNANDO *(dando-lhe uma caixa de phosphoros)*

Da ambição, disseste! Julgo que és tão ambicioso e arrojado como eu.

ROBERTO

Sou mais.

*

FERNANDO

Olha, Roberto... quando se é pobre e obscuro, difficilmente...

ROBERTO *(atalhando)*

Quasi todos os homens verdadeiramente notaveis começaram por ahi. O pobre protegido do conde de Marbeuf chamou-se mais tarde Napoleão, o grande! O homem a quem Sylla expulsou de Roma, chamou-se Cesar, e gravou, annos depois, no senado romano aquellas celebres palavras: — Cheguei, vi e venci! — As difficuldades são como algumas montanhas. De longe parecem insuperaveis; quando começamos a subil-as, rimo-nos de nos haverem intimidado.

FERNANDO *(attraido)*

O que seria então preciso fazer?

ROBERTO

Quasi nada. Não ser Triboulet da humanidade. Saber ser homem.

FERNANDO

Sempre enigmas! O que entendes tu por ser homem?

ROBERTO

É ser audaz, arrojado e intelligente!

FERNANDO

Quantos homens de intelligencia morrem de fome!

ROBERTO

Nenhum! Os intelligentes que se deixam avassalar pelo dominio despotico do coração, podem morrer á mingua... os intelligentes em que só imperam a rasão e o querer... os verdadeiros, os unicos intelligentes... esses nunca!—Fernando, em um anno, pondo de parte os preconceitos estultos da sociedade mais estulta ainda, podes tu ser respeitado, rico e feliz.

FERNANDO *(com força)*

Importa dizer que é necessario matar de um golpe a consciencia!

ROBERTO

Não. É preciso encarar o mundo como elle é, e não como devia de ser... A consciencia! *(Zombeteiro)* Ninguem sabe o que isso é. Palavra que não representa uma idéa, e inventada apenas para tornar impotente a força audaciosa das almas verdadeiramente bem formadas!

FERNANDO

Enganas-te! A consciencia é o anjo da guarda enviado por Deus, para velar junto de nós.

ROBERTO *(gracejando)*

Pede tres ave-marias, e tens um sermão completo. *(Sério)* Meu amigo... a consciencia vem de Satanaz, porque é má e incoherente. Repara que é um poder intimo que nos absolve se matamos no campo de batalha o nosso similhante, e que solta um brado de condemnação e de remorso, ao roubarmos as migalhas insignificantes de um esplendido festim, quando nos cegam a miseria e a fome! Excellente juiz a consciencia!... *(Persuasivo)* Caminha desassombrado, Fernando, e levar-te-hei ao Capitolio.

FERNANDO *(com intenção)*

Mas o Capitolio dista um passo da rocha Tarpeia!

ROBERTO

Só os estupidos e os fracos receiam precipitar-se. *(Tirando da algibeira uma nota de vinte mil reis)* Vês este papel?... É uma nota de vinte mil reis... Tu podes, Fernando... *(Baixando a voz)* tu podes gravar uma chapa, que nos ha de converter esta vida miseravel em um paraiso de infinitas doçuras...

FERNANDO

Cala-te! É uma infamia que vens propôr-me!

ROBERTO

É a prosperidade que venho offerecer-te.

FERNANDO *(comsigo mesmo e olhando attento para a gaveta da secretária)*

Se elle soubesse que está ali!... *(Alto)* Nunca!... Vae-te!... Deixa-me!

ROBERTO

Escuta, Fernando!—Esta casa, erma de commodidades e do esplendor da opulencia, será em breve o palacio sumptuoso onde se ostentarão as galas da riquesa deslumbrante... Não mais terás privações... não deixarás viver na obscuridade e no isolamento uma mulher formosa, como a tua...

FERNANDO

Magdalena! Não falles n'esse anjo!

ROBERTO *(com mais força)*

Magdalena, sim... a quem tudo falta, porque seu marido é pobre... Magdalena, que nasceu para ser rainha pela belleza, e que vive condemnada pelos falsos escrupulos da tua consciencia mentirosa, a ser escrava submissa... Aceita a proposta que te faço!

FERNANDO *(desvairado)*

Oh! a minha ambição!... *(Depois de um momento de silencio)* Recuso!

ROBERTO *(áparte)*

Perder o marido é ganhar a mulher que amo! *(Alto)* Abraça as minhas idéas, Fernando, e n'essas longas noites, hoje de vigilia e trabalho, has de vêr tua esposa e tua irmã... radiantes, jubilosas... sorrirem-te reconhecidas, no meio de uma festa de que tu serás o rei.

FERNANDO *(sempre entregue a uma grande excitação)*

Os meus sonhos de felicidade!

ROBERTO *(continuando com vehemencia)*

Hão de abençoar-te, Fernando, por lhes haveres dado uma casa sumptuosa, em que milhares de luzes reflectindo-se em magnificos espelhos e em brilhantes crystaes, darão a tudo o aspecto magico da riqueza, do fausto, do esplendor emfim!

FERNANDO

Roberto!... Queres perder-me?... Deixa-me!... Jurei, jurei a mim mesmo conservar sempre immaculado o nome respeitavel de meu pae!

ROBERTO

Repelle essas falsas idéas que te arrastam para o abysmo do esquecimento e da desgraça. Vive... vive para a sociedade que te chama com os seus attractivos e prazeres!... Mais tarde has de agradecer-me haver-te arrancado ás mãos geladas da miseria para te lançar nos braços voluptuosos da opulencia!

FERNANDO *(vacillante)*

Não!... não quero... não devo!

ROBERTO

Essa tua irresolução provem de não vêres claramente as vantagens incalculaveis d'este plano grandioso. Deixo-te para reflectires, Fernando, e em breve estarei de volta para te mostrar... *(Abaixando a voz)* alguns trabalhos que possuo e que tornam facilima a execução d'esta arrojada idéa... Lembra-te, Fernando, de que hoje é o unico meio de affrontares a miseria que te opprime... o unico meio, emfim, de poderes lutar e vencer... Até já.—*(Áparte saindo)* É meu!

FERNANDO *(correndo á gaveta da secretária)*

O que elle disse é a verdade!... Sim, é o unico meio de poder lutar e vencer!... É o destino que o ordena!... Seja! *(Libanio entra; Fernando suspende-se ao vêr o pae.)*

SCENA X

Fernando e Libanio

LIBANIO

Ah! estás só... mais vale só do que mal acompanhado... Fernando, venho dizer-te que é necessario abandonares de todo a companhia do homem que d'aqui saiu.

FERNANDO *(com enfado)*

Vejo que o impressionaram as loucas idéas de Magdalena.

LIBANIO

Cale-se! Aqui, onde eu esperava encontrar a tranquillidade e o regosijo de um dia de festa, se ha alguem louco... decerto não é sua mulher.

FERNANDO

Porque me falla d'esse modo?

LIBANIO

Porque ao sair de minha casa, sabe Deus com que difficuldades e sacrificios, para te abraçar e a esta gente... mal pensava eu que vinha achar-te no caminho da perdição!

FERNANDO

Meu pae!

LIBANIO

A calumnia não poupa ninguem. E eu, Fernando, prefiro mil vezes chorar a tua morte, a saber que o teu nome, que é o meu, póde de um momento para outro ser escarnecido e despresado.

FERNANDO

Mas de que me accusam? *(Attentando fixo na gaveta da secretária)* Meu Deus, será?... *(Suspendendo-se e comsigo mesmo)* Não, não póde ser! *(Alto)* O que lhe disse Magdalena? Porque me não fallou ella a mim? *(Com força)* Foi decerto Magdalena que me accusou!... *(Com abatimento)* Oh! falle meu pae, repare que me está matando a fogo lento.

LIBANIO

Magdalena não te accusou. Tua mulher é uma santa que tu deves adorar... A desgraçada é orphã, e não tem no mundo pessoa alguma a quem possa confiar as tristezas que a ralam e de que tu és o culpado.

FERNANDO

Eu! *(Comsigo)* Falta-me o animo!...

LIBANIO

Tu, Fernando, não tens querido ouvil-a, porque essa cabeça estonteada nem sequer te dá uma hora para olhares pela tua casa... Mas eu... eu instei com ella, pedi-lhe que me dissesse a causa d'aquella profunda magoa, que tu não comprehendes... ou não queres comprehender... e Magdalena cedendo aos meus rogos, confiou ao pae de seu marido o que seu marido não tem querido ouvir d'aquella bôca... que nunca mentiu.

FERNANDO *(comsigo)*

Se Magdalena sabe que tentei!... Se o disse a meu pae!... *(Alto, n'uma grande agitação)* Juro-lhe que não comprehendo o sentido das suas palavras, mas o que tremo de adivinhar é para enlouquecer!

LIBANIO

Abre por uma vez os olhos para vêres que és enganado pelo homem a quem estendes a mão de amigo... *(Puxando-o de parte e com força)* É mister que Roberto de Andrade não volte mais a esta casa.

FERNANDO *(generoso, querendo defender Roberto)*

Cuidado, meu pae; por infundadas apprehensões ninguem accusa nem repelle um homem que é...

LIBANIO *(com vehemencia)*

Um infame!...

FERNANDO

Mas se ha um infame... sou eu... eu unicamente... *(Outro tom)* Perdão, perdão para mim só... *(Tira da algibeira a nota que o espectador deverá vêr.)*

LIBANIO

Que dizes?!... O teu crime é simplesmente haveres desprezado os conselhos que Magdalena tem querido dar-te. O teu crime nasce d'essa fraqueza imperdoavel que te obriga a receber ainda em tua casa Roberto de Andrade, que te atraiçôa e vende como Judas vendeu a Christo.

FERNANDO *(muito fóra de si)*

Mas então de que se trata? *(Áparte)* Pois haverá ainda golpe mais fundo? Não é possivel! *(Alto)* Falle, por piedade, falle!

LIBANIO

Obrigas-me a revelar-te um segredo horrivel, quando o meu desejo era que não chegasse aos teus ouvidos a noticia da maior affronta... Esse homem... *(Suspende-se como quem luta entre a necessidade de fazer uma revelação e a repugnancia que tal revelação lhe inspira.)*

FERNANDO *(querendo reprimir a grande agitação de que está possuido)*

Bem vê que estou tranquillo... mas... *(Com impeto)* Acabe!

LIBANIO

Esse homem quer occultar com a falsa amisade que por ti mostra, o amôr que já uma vez confessou a tua mulher e que ella soube repellir...

FERNANDO

Roberto!... Minha mulher!... *(Outro tom)* Esta inesperada revellação!... *(Comsigo)* De um lado o crime... do outro a vil traição de um miseravel!... *(Alto)* É de mais!... *(Afflicto)* Não sei o que sinto!... *(Soltando um grito)* Meu pae!... *(Com voz enfraquecida)* Meu Deus!... *(Cáe sem sentidos sobre a marqueza.)*

LIBANIO

Fernando! *(Correndo para elle)* Fernando! Animo!... E não responde!... *(Chamando)* Venham cá fóra!

SCENA XI

Os mesmos, Magdalena e Luiz—depois Emilia e Mariquinhas

MAGDALENA *(entrando e precipitando-se para junto do marido)*

Valha-me Deus! O que tens, Fernando?

LIBANIO

Não é nada, não é nada! —*(A Luiz)* Vá chamar um cirurgião.

LUIZ

Mas o que succedeu? *(Emilia e Mariquinhas entram.)*

EMILIA

O que foi, meu pae? *(Libanio falla em voz baixa com Emilia e com Luiz.)*

MAGDALENA *(no auge da afflicção, chegando ao peito a cabeça de Fernando)*

Fernando... Não me conheces, Fernando?... Mariquinhas!... anda cá meu anjinho!... *(Mariquinhas approxima-se)* Não vês tua filha?... Olha, Fernando! *(Desanimada)* Está a arder em febre!... Não dá accordo de si!

LIBANIO *(a Luiz)*

Então, ande! Vá n'um pé e venha no outro! *(Luiz sáe com precipitação e deixa a porta aberta.)*

MAGDALENA

Disse alguma coisa ao Fernando, meu pae?

LIBANIO

Cumpri o meu dever. *(Á porta que Luiz deixou aberta, apparece Roberto.)*

SCENA ULTIMA

Fernando, Magdalena, Emilia, Mariquinhas, Libanio e Roberto

ROBERTO

Porta aberta justo pecca! *(Vendo o que se passa)* Ah! perdão... Vejo que ha novidade!... *(Desce.)*

LIBANIO

E grande, senhor.

ROBERTO

N'esse caso... para o què eu prestar... *(Desce mais)*

LIBANIO *(tomando-lhe o passo)*

O senhor... *(Como quem lhe custa a tomar uma deliberação)* O senhor... n'este momento... só presta... *(Decidindo-se)* para sair d'esta casa! *(Indica-lhe com o gesto a saida.)*

ROBERTO *(fica um pouco desconcertado, mas cobra animo immediatamente — Com impudencia)*

É muito lisongeiro para mim!... Sempre julguei que não prestava para nada! *(Volta as costas para sair — Dão duas horas no relogio — Cáe o panno.)*

ACTO II

O jardim da casa de Fernando, em Cintra; á esquerda portas de vidraça, communicando com a casa de jantar e do bilhar. A serra e o palacio da Pena, ao fundo.

SCENA I

Fernando, Roberto, Galileu, o visconde, Rodrigo, o conselheiro e convidados

(Ao redor de uma elegante meza de ferro, onde está servido o café, os personagens indicados formam um grupo.)

GALILEU *(bebendo)*

Per Baccho! Excellente *cognac!*

VISCONDE *(que falla acompanhando sempre com o gesto aquillo que diz)*

Tudo aqui é principesco, deslumbrante, esplendido! *(A Fernando)* V. ex.ª possue uma das melhores propriedades de Cintra!

GALILEU

Este café é Moka legitimo!

ROBERTO *(á parte)*

Moca me está parecendo tudo isto!

FERNANDO

Meus senhores, libertemo-nos de todas as exigencias e etiquetas da sociedade... Estamos no campo; faça cada um o que lhe aprouver. Liberdade, meus amigos, plenissima liberdade!

VISCONDE

Apoiado! *(Como quem começa um discurso)* A liberdade é a base fundamental das sãs instituições!... A liberdade... snr. presid...

RODRIGO *(atalhando)*

Senhor presidente?!... *(Sorrindo)* Está bom, visconde, reserve a sua eloquencia parlamentar para a camara, se um dia lá conseguir sentar-se, e vamos até ao bilhar que lhe quero dar uma lição.

VISCONDE

A defender criminosos me poderá o amigo ensinar, porque é advogado... mas a jogar... duvido.

GALILEU

O bilhar!... Ahi teem o bilhar que, por uma serie de reflexões complicadissimas, póde muito bem servir para lhes demonstrar o que eu constantemente lhes tenho afiançado...

ROBERTO

Que a terra está fixa e o sol se move, já sabemos.

GALILEU

Tal qual! O meu antepassado, o celebre professor da universidade de Piza — Galileu, emfim, de quem eu descendo em linha recta, caíu n'um gravissimo erro, quando affirmou que a terra tinha movimento.

VISCONDE

Apoiado! Se a terra se movesse não poderiamos nós estar quietos um momento.

ROBERTO *(satyrico)*

E tu, meu charo Galileu, andarias com a cabeça tão tonta, que nunca dirias senão sandices... o que não succede.

RODRIGO

Visconde, vamos ao bilhar. *(Rodrigo e o visconde sáem.)*

SCENA II

Os mesmos, menos Rodrigo e o visconde

GALILEU

O que faz ser leigo na sciencia! *(Bebendo)* Ó Fernando, hei de mostrar-lhe a vossê que é homem de talento, a memoria que eu escrevi, e na qual demonstro — *á priori* — fundado na celebre batalha dada por Josué, e de que fallam as sagradas escripturas... que a terra está firme e o sol... *(Gesto, indicando o movimento de um objecto em torno de outro.)*

FERNANDO *(absorto)*

Pois sim, sim... *(Senta-se pensativo.)*

SCENA III

Os mesmos, Libanio e Magdalena

MAGDALENA *(entra, dando o braço a Libanio)*

Repare, meu pae... *(Indicando Fernando)* no meio d'este festim ruidoso, sempre o mesmo abatimento!... sempre aquella nuvem de melancolia a velar o rosto do meu Fernando! *(Todos comprimentam Magdalena.)*

ROBERTO *(a Magdalena)*

V. ex.ª não quiz acompanhar-nos ao café...

LIBANIO *(em voz baixa, a Magdalena)*

E sempre este homem aqui, depois do que eu lhe disse!...

MAGDALENA *(indo sentar-se junto de Fernando)*

Fernando... porque estás triste?

FERNANDO *(surprehendido)*

Eu?... Nunca estive tão bem, tão agradavelmente!

MAGDALENA

Não posso acreditar-te, Fernando. Para que me occultas com essa fingida alegria a magoa que te opprime?

GALILEU *(que tem estado a conversar com Libanio)*

E aqui tem o meu nobre amigo as razões em que fundo a minha opinião, em tudo contraria á de Galileu, de quem...

LIBANIO *(interrompendo-o)*

De quem o senhor descende em linha recta; já m'o disse tres vezes.

FERNANDO *(querendo evitar mais perguntas de Magdalena e levantando-se)*

Não, Magdalena, não tenho nada! *(Á parte, saíndo)* É impossivel illudir o coração da mulher que nos estima devéras! *(Sáe.)*

SCENA IV

Os mesmos, menos Fernando

(Magdalena e Libanio á direita; os convidados á esquerda)

CONSELHEIRO *(aos outros)*

Mas não se sabe ainda de onde vem esta opulencia?

GALILEU

Per Dio! Vem do dinheiro!

CONSELHEIRO

Mas este homem não tinha real de seu ha meia duzia de dias!

MAGDALENA *(a Libanio)*

Esta repentina mudança, meu pae, assusta-me por-

que... porque não sabemos de onde provém tão grandes haveres...

LIBANIO

Quanto a mim, as especulações commerciaes em que o Fernando afiança ter ganho a sua riqueza, são falsos pretextos. Em pouco tempo ninguem póde licitamente dispôr das sommas avultadas que tudo isto representa.

MAGDALENA

Meu Deus, que vida esta!

LIBANIO

É do jogo, de certo do jogo, que elle está vivendo exclusivamente. *(Falam em voz baixa.)*

GALILEU *(a Roberto)*

Tu que és mais intimo do Fernando, não explicarás a estes curiosos, que se perdem em conjecturas, o modo por que elle enriqueceu tão depressa?

ROBERTO

Perguntem-lh'o.

GALILEU *(gracejando)*

Saberá elle fazer dinheiro?

ROBERTO

Bebe mais um copo de genebra, meu patricio do Dante, entrega-te nas tuas massadoras locubrações á fixidade da terra e deixa viver quem vive. *(Fallam em voz baixa.)*

LIBANIO *(continuando a conversação com Magdalena)*

Ha muito que eu teria saido d'esta casa, se um presentimento me não dissesse que devo ficar.

MAGDALENA

Oh! não me desampare! A sua presença dá-me valor e resignação. *(Fallam em voz baixa.)*

GALILEU *(aos outros)*

Não acredito. *(A Magdalena, alto)* v. ex.ª tem ido ao Duche?

MAGDALENA

Não, senhor Galileu, não tenho saido de casa. *(Falla com Libanio.)*

GALILEU

Pois eu e o Roberto de Andrade não faltamos lá um dia.

ROBERTO *(a Galileu e aos convidados)*

Vamos vêr quantas partidas tem o visconde ganho ao Rodrigo... O jogo é o seu forte...

GALILEU

E uma cadeira em S. Bento o seu fraco. Vamos ao bilhar e lá lhes explicarei praticamente a eterna verdade que eu prégo.

ROBERTO

Olha, Galileu, o *prégo* é que é uma eterna verdade!

CONSELHEIRO

Ao bilhar! *(Sáem pela esquerda alguns; outros vão dispersando-se pelo fundo e desapparecem pouco a pouco.)*

SCENA V

Magdalena e Libanio

LIBANIO *(vendo-os sair)*

Que os leve a breca! Valem quanto pesam aquelles senhores!

MAGDALENA

Desde que vivemos n'esta prosperidade inexplicavel, quasi todos os bons amigos do Fernando nos abandonaram... Até o Luiz Fragoso, meu pae!

LIBANIO

Essa não me passa d'aqui. *(Indicando a garganta)* O Luiz Fragoso que era o melhor amigo d'esta casa... que era mais do que amigo... Parece-me até que tinha idéas de pertencer brevemente á nossa familia... porque... Ó Magdalena, elle arrastava a aza á minha filha...

MAGDALENA

Chegou a dizer ao Fernando que lhe pedisse a mão da Emilia.

LIBANIO

Mas elle nunca em tal me fallou! *(Fernando entra sob o dominio de uma idéa que o mortifica, vae sentar-se sem vêr ninguem e bebe repetidas vezes.)*

SCENA VI

Magdalena, Libanio e Fernando

MAGDALENA

Meu Deus!

FERNANDO *(continuando a beber e comsigo)*

E nem assim obtenho o esquecimento do meu crime! Na embriaguez está a felicidade!... *(Bebe)* Mas se eu nem sequer me posso embriagar!

LIBANIO *(baixo a Magdalena)*

Desgraçado!

MAGDALENA *(carrendo para Fernando e evitando que elle beba mais)*

Não, não has de beber mais, Fernando!... Queres matar-te?

FERNANDO

Magdalena! Tu estavas aqui, Magdalena!... E meu pae, tambem!

LIBANIO

Eu... eu estava aqui, como soldado velho que não abandona o posto no momento do perigo... tua mulher... essa está sempre a teu lado, como o anjo bom, que Deus enviou para te proteger.

FERNANDO

Mas... *(Sorrindo, contrafeito)* Está gracejando, meu pae!... A que vem essa protecção, aliás valiosa, mas inteiramente inutil nas circumstancias actuaes em que sou completamente feliz?

MAGDALENA

Feliz! Então para que procuras na embriaguez a

MAGDALENA *(áparte, com voz cortada por lagrimas)*

Meu Deus! E é por minha causa que elle soffre tanto, tanto!

FERNANDO

Não... É necessario esperar e ter força para sorrir, quando o meu desejo é marcar a fronte d'aquelle homem com o ferrete da ignominia!... *(Risadas dentro.)*

SCENA VII

Os mesmos, Rodrigo e o visconde, depois Galileu

(O visconde entra rindo e gesticulando)

FERNANDO

Ganhou, visconde?

VISCONDE

Ganhei. Ah! ah!... Imaginem v. ex.as que o Rodrigo de Sousa fez apenas seis carambolas, em quanto eu fiz vinte e quatro! Ah! ah!... E a ultima foi das taes... *(Colloca-se como quem joga com o taco por detraz das costas)* e a chegar!

RODRIGO

Confesso-me vencido. Lamento unicamente que, tendo v. ex.a tão grandes desejos de entrar na camara,

não seja tão forte em planos financeiros como é em fazer... bamburrios ao bilhar! Seguramente mataria o *deficit*.

VISCONDE

O *deficit*, snr. Rodrigo de Sousa, é como os deuses da fabula... immortal!

RODRIGO

E como o azar dos que jogam com o Visconde... immenso!

VISCONDE

Apoiado! *(A Magdalena)* É verdade... quando nos faz v. ex.ª a honra de ir a uma das nossas *soirées*?... A viscondessa tem sentido muito a sua falta, minha senhora.

FERNANDO

A Magdalena soffre quasi sempre... por isso não tem podido acompanhar-me...

MAGDALENA

É exacto, snr. visconde...

RODRIGO *(baixo a Magdalena)*

Taes *soirées* servem unica e simplesmente de pretexto para um jogo fortissimo que tem arruinado muita gente.

LIBANIO *(a Rodrigo)*

Excepto o dono da casa, provavelmente.

VISCONDE *(a Fernando, com quem tem estado a conversar)*

Mas inste com sua esposa, para nos fazer a honra de ir ao nosso primeiro baile... *(A Magdalena)* Dançar-se-ha toda a santissima noite.

RODRIGO

E ha de jogar-se o monte e a banca franceza que são as danças de Satanaz.

VISCONDE *(despeitado)*

Creio que ninguem é obrigado a tomar parte n'essas danças, como v. ex.ª lhes chama.

RODRIGO

Pelo dono da casa, ninguem... mas pela tentação, muitos.

VISCONDE

A tentação... a tentação... A tentar-me está o senhor agora. *(Sáe—Magdalena approxima-se de Fernando.)*

RODRIGO *(a Libanio)*

Não lhe agradou.

LIBANIO *(dando-lhe o braço e subindo)*

Este visconde não lhe merece muito credito, hein?

RODRIGO

Aqui muito á puridade... eu não queria que uma só boca dissesse de mim o que muitas dizem d'elle. *(Vão saindo.)*

MAGDALENA *(que tem fallado em voz baixa com Fernando)*

Não tenhas cuidado... a Maria está decerto a brincar ahi... no jardim.

FERNANDO

Mas vae, Magdalena, vae procural-a... É sol posto e está caindo alguma neblina.

MAGDALENA

Eu vou. *(Sáe pela direita—Emilia entra pela esquerda e colloca as mãos sobre os olhos de Fernando, que está sentado.)*

*

SCENA VIII

Fernando e Emilia

FERNANDO

És tu, Emilia. Estes dedinhos não se confundem com os de mais ninguem.

EMILIA

Em que está pensando o senhor meu irmão? Vejo-o sempre, sempre triste!

FERNANDO

Talvez estivesse a pensar em ti.

EMILIA

Tambem eu sou causa da sua tristeza?!... Pois... Olha, Fernando, venho dar-te uma boa nova.

FERNANDO

A mim!

EMILIA

Venho confiar-te um segredo, que seguramente has de ouvir com prazer.

FERNANDO

O segredo é teu?

EMILIA

É... e talvez de mais alguem.

FERNANDO

É um segredo do coração... As mulheres formosas e da tua idade não teem outros... Adivinhei?

EMILIA

Adivinhaste.

FERNANDO *(com singeleza)*

Então, vamos... dize-me... Amas alguem?

EMILIA

Creio que sim, e que sou correspondida.

FERNANDO

Mas não vae longe a epocha em que o teu coração pertencia...

EMILIA *(com despeito)*

A um homem que não soube respeitar e agradecer o meu extremoso affecto... A ingratidão e o abandono de Luiz, que me esqueceu por outra mulher, mataram em minha alma os sentimentos que lhe havia dedicado!...

FERNANDO *(comsigo mesmo)*

Queixa-se d'elle, quando a culpa foi só minha!

EMILIA

Hoje, porém, graças aos teus conselhos de outro tempo e á dôce intimidade que existe entre mim e um cavalheiro que frequenta esta casa...

FERNANDO

Podeste esquecer o Luiz?

EMILIA

E amar... amar profundamente este de que venho fallar-te. Escuta, Fernando... Não me dizias sempre que a tua ambição era vêr-me ligada a um homem de esphera superior, já pelo nascimento, já pelos dotes moraes, que dão ainda mais incontestavel direito á superioridade? Não me tens repetido estas palavras milhares de vezes?

FERNANDO

Effectivamente, Emilia, é esse o meu desejo, a minha ambição.

EMILIA

—Escolhe alguem, dizias-me tu sempre, que viva na

sociedade... que pelo seu talento seja digno e merecedor de uma alta posição social... um homem... como o Roberto de Andrade, por exemplo...

FERNANDO *(levantando-se com impeto)*

Mas não é esse decerto que o teu coração escolheu!

EMILIA *(meigamente)*

Porque não havia de ser?!... É elle, sim. É o Roberto de Andrade, o teu melhor amigo.

FERNANDO

Roberto!

EMILIA

Sim, Fernando... O seu olhar fascina-me, attráe-me!... Sem querer, dei-lhe o coração!

FERNANDO

Não é possivel! *(Depois de longa pausa)* Ouve, Emilia, ouve bem o que vou dizer-te e grava-o para sempre na tua imaginação. *(Energico)* Nunca, nunca serás a esposa do Roberto de Andrade! Apaga quanto antes do peito a seductora imagem d'esse homem fatal! Entre ti e o Roberto de Andrade ha o abysmo do impossivel!

EMILIA

Enlouqueceste, Fernando?

FERNANDO *(em crescente excitação)*

Não! tu é que estás louca!... *(Caindo em si)* Perdôa, Emilia, perdôa-me! É a segunda vez que a mão despiedosa do infortunio vae ferir a tua alma innocente e pura, e sou eu, eu sempre, a causa das tuas lagrimas!

EMILIA *(chegando-se a elle, carinhosa)*

Mas... por Deus t'o peço, Fernando, explica-me...

FERNANDO *(interrompendo-a)*

Não! não, irmã da minha alma!... Não pódes, nem deves conhecer o horrivel mysterio que nos separa a todos do Roberto de Andrade... Deixa-me, deixa-me, por piedade, Emilia... Não tornes a fallar-me n'esse homem!

EMILIA *(enxugando os olhos)*

Oh! meu Deus, meu Deus! *(Sáe.)*

SCENA IX

Fernando, só

(Depois de um momento de silencio) Quando se é tão desgraçado, a vida é um supplicio horrivel! Tudo, tudo se conspira contra mim! Foi o inferno que ateou no peito d'esta innocente a chamma de um amôr fatal... impossi-

vel! — *(Rindo convulsamente)* Que fiz eu da tranquillidade da minha casa?... sacrifiquei-a á minha desmedida ambição!... Que fiz do nome honrado que meu pae me déra?... sacrifiquei-o ao desejo ardente de viver entre os esplendores deslumbrantes da riqueza!... *(Outro tom)* Que fiz das santas crenças que minha mãe... minha pobre mãe!... me implantára na alma?... sacrifiquei-as tambem!... esqueci-as pelos desvarios da minha imaginação escandecida! *(Com vehemencia)* Para que foi tudo isto?... Para ser rico, poderoso, invejado, feliz... feliz! *(Com olhar chammejante)* E desejo a morte porque a minha vida é hoje apenas o remorso de um crime... Esta riqueza tão ambicionada, esta opulencia que eu adquiri trocando a placidez das minhas noites de outr'ora, por constantes sobresaltos e pela infamia de ser... *(Pausa* Oh! O ouro não dá felicidade a ninguem! A verdadeira felicidade vem d'aqui... da consciencia unicamente! *(Ouve-se uma gargalhada de Roberto de Andrade.)*

ROBERTO *(dentro)*

Has de perder sempre, Galileu; commigo ninguem leva a melhor!

SCENA X

Fernando, depois Roberto

FERNANDO *(com um impeto de colera)*

Aquella voz!

ROBERTO *(entra fallando para dentro)*

Não jogo mais... Vou para o jardim. *(Vendo Fernando)* Oh!... Não ha quem te veja, nem quem te mereça! *(Fernando afasta-se d'elle)* Parece que foges de todos!

FERNANDO *(desabrido)*

De todos... não.

ROBERTO

Então de quem?... de mim?... *(Avançando para Fernando)* Ó Fernando, não me pareces o mesmo homem dos tempos calamitosos, que, felizmente para ti, vão já passados... Desconheço-te, palavra de honra! Quando... não tinhas onde cair morto — tu não te escandalisas com a phrase — mostravas-te meu amigo... mas agora...

FERNANDO *(impaciente)*

Agora?...

ROBERTO

Agora que... mais do que nunca... tu me deves consideração e... amisade...

FERNANDO *(interrompendo-o)*

Mais do que nunca, disseste?!

ROBERTO

Sim. Actualmente que a fortuna, por tanto tempo esquiva, te afaga e sorri... hoje que a proveniencia dos teus immensos haveres é duvidosa para todos, e que uma só palavra, talvez, póde perder-te...

FERNANDO

Roberto!...

ROBERTO

Ouve! Hoje devias rasgar esse manto de orgulho ridiculo em que te envolves, e não acolher com tão glacial indifferença, o homem que pode proferir essa palavra que te perde.

FERNANDO

Não comprehendo o sentido nem o intuito d'essas recriminações... muito menos comprehendo ainda a que vem essa obscura allusão, dirigida á proveniencia da minha riqueza!

ROBERTO *(com seriedade)*

Cuidado, Fernando!... Não te aconselho a que me provoques. *(Baixando a voz)* Deves suppôr que me não é estranho o meio por que tens obtido as avultadas sommas de que dispões... Não ignoro...

FERNANDO *(atalhando)*

Vejo que as palavras que me são dirigidas vem repassadas de pungente ironia e de amargo veneno!

ROBERTO *(ironico)*

Qual veneno! Os Borgias passaram de moda, e pertencem á historia... — O que eu pretendo dizer simplesmente é que estás fazendo um jogo trapaceiro e desleal para commigo, que te posso auxiliar se jogarmos a partida juntos, em vez de seres tu só a dar cartas e a receber os lucros.

FERNANDO

Explica-te! Não te comprehendo, repito!

ROBERTO

Pois isto salta aos olhos! *(Pausa)* Homem... esse meio de que te serves para obter dinheiro, e de que te fallei um dia claramente, tem seus perigos... *(Zombeteiro)* Entre outros, occorre-me dizer-te que... ha por esse mundo alguns puritanos engravatados que teem a desgraçada mania de quererem ser homens de bem. Preconceitos! E sabes que... empregam uma palavra pouco euphonica para expressar esse teu modo de viver na verdade excepcional, arrojadissimo... mas que tem levado muita gente boa á costa d'Africa...

FERNANDO *(colerico)*

Essas perfidas insinuações são uma affronta intoleravel! *(Na maior exaltação)* Que provas tens do que me estás dizendo?

ROBERTO

Provas... provas!... Tenho a certeza, a profunda convicção de que me não engano!... O negocio em que tu especulas, Fernando, é admiravelmente rendoso; mas, repito, é de todo o ponto arriscado... Um dia o Banco descobre que andam em circulação notas que elle não emittiu... o ministerio publico, que tem artes do demonio, prova que tu és o author d'ellas... os jurados dizem — *amen!* — o juiz condemna-te... e tu, Fernando, vaes fazer uma viagem com o passaporte na mão do capitão.

FERNANDO

Cala-te, cala-te!

ROBERTO *(n'outro tom)*

Tudo isto póde succeder estando tu innocente, mas póde succeder... porque a justiça é caprichosa, por ser mulher... e cega, porque é velha... Ora... *(Com seriedade)* escuta-me... Se o terrivel quadro que te descrevi passasse um dia de pura ficção para a tela da realidade... se, despedaçado com ignominia o pedestal

de opulencia a que subiste, tivesses de abandonar a terra que te foi berço, teu pae que te estremece...

FERNANDO *(com grande commoção)*

Deixa-me em paz com essas inspirações da tua satanica imaginação. *(Comsigo)* O espelho do meu futuro!

ROBERTO *(tomando maior ascendente sobre Fernando)*

Se teu pae já curvado ao peso dos annos, não soubesse triumphar do terrivel desgosto de vêr seu filho proscripto da sociedade; se elle succumbisse na lucta... *(Fernando cobre o rosto com as mãos, como se visse o que Roberto lhe está descrevendo)* a tua familia, desgraçado, ficaria só, desprotegida, á mercê de todos...

FERNANDO *(como se acordasse de um lethargo)*

Á mercê de todos!

ROBERTO

Sim, Fernando, e por isso não deves de afastar de ti aquelles que, sempre generosos, teem sabido provar-te a sua dedicação... Eu, por exemplo, não hesitaria...

FERNANDO *(subindo de exaltação e com olhar ameaçador)*

Que vaes dizer?

ROBERTO *(com a maior naturalidade)*

Se tu faltasses, de bom grado seria eu o braço protector...

FERNANDO *(lançando-lhe a mão á garganta)*

Não acabes, infame!

ROBERTO *(com um movimento de immensa raiva, subjugando-o e segurando-lhe o pulso)*

Ah! covarde! *(Attraidos pela voz de Fernando, entram os personagens indicados na seguinte scena. — Roberto, que tem subjugado Fernando, larga-lhe o pulso n'este momento e solta uma gargalhada.)*

SCENA XI

Os mesmos, Libanio, Magdalena, Emilia — Rodrigo, Galileu, o visconde, o conselheiro e convidados

RODRIGO *(descendo)*

Então!... Que loucura é esta?

GALILEU

O que foi?... O que succedeu? *(Magdalena e Emilia vão para junto de Fernando.)*

ROBERTO *(ironico e com muita presença de espirito)*

Nada, meus senhores... Ia-me zangando, por excepção.

MAGDALENA *(dos braços da qual Fernando se solta, caindo sobre uma cadeira)*

Meu Deus!

FERNANDO

Deixem-me! *(Dirige-se para Roberto; Libanio toma-lhe o passo.)*

LIBANIO *(altivo)*

Fernando!... O que quer dizer? *(Fernando curva a cabeça.)*

ROBERTO *(a Libanio)*

Quer dizer que fui insultado por seu filho, n'esta casa, que elle devia de ser o primeiro a respeitar... quer dizer que esse homem, postergando todas as leis da boa hospitalidade e do cavalheirismo, me offendeu traiçoeiramente, por eu lhe haver dito...

FERNANDO *(subitamente, denunciando que receia a revelação de Roberto)*

Miseravel!

ROBERTO *(continuando)*

Por lhe haver dito uma verdade amarga que não posso provar immediatamente, mas de que tenho profunda convicção.

FERNANDO

Nem mais uma palavra! Estou ás suas ordens!

MAGDALENA *(anciosa, dando um passo para se approximar de Fernando)*

Fernando!

LIBANIO *(detendo-a)*

Magdalena... meu filho cumpre o seu dever!

ROBERTO

A outro homem que me fizesse o insulto que recebi, teria sido eu o primeiro a exigir uma satisfação de honra... Não a exigi, porém, nem aceito a sua provocação, porque... porque o senhor é indigno de se bater commigo! *(Leve murmurio da parte dos convidados.)*

FERNANDO

É de mais, senhor!

LIBANIO *(avançando)*

Indigno! *(Grave e solemne, a Roberto)* Se por motivos que eu desconheço não encontra n'este homem, que é meu filho, o braço que ha de cruzar-se com o seu no campo da honra... fundado no direito incontestavel que vem do meu nome por longos annos respeitado e da minha carreira militar sem mancha até este momento, posso dizer-lhe bem alto:—Estou eu ás suas ordens, snr. Roberto de Andrade!

FERNANDO

Oh! meu pae!

ROBERTO

Depois de lhe provar que seu filho não soube manter intacta e pura essa dignidade que o senhor invoca para me dirigir tal provocação, achar-me-ha disposto para tudo que de mim quizer... dou-lhe a minha palavra de cavalheiro! *(Saindo rapidamente)* Até lá, meus senhores, peço-lhes que não julguem o meu procedimento. *(Sáe.)*

SCENA XII

Os mesmos, menos Roberto

MAGDALENA *(baixo a Rodrigo)*

Por Deus, snr. Rodrigo de Sousa, afaste d'aqui esta gente. *(A Libanio)* Presenciarem o que se está passando, meu pae!...

RODRIGO *(ao visconde, a Galileu, ao conselheiro e aos convidados)*

Meus senhores... *(Chama-os de parte e falla-lhes em voz baixa, ao fundo.)*

LIBANIO *(a Magdalena)*

Os meus presentimentos!

RODRIGO *(a todos)*

Vamos! *(Vão saindo silenciosos.)*

GALILEU *(ao visconde, passando-lhe familiarmente o braço por cima do hombro)*

Se os jornaes contassem o resto!... *(Sáem todos.)*

SCENA ULTIMA

Libanio, Fernando, Magdalena e Emilia

FERNANDO *(abatido, sentado junto da mesa)*

Como eu soffro, meu Deus!

LIBANIO *(a Fernando)*

O que te disse o Roberto de Andrade? Que horrivel mysterio envolvem as suas palavras? Porque se atre-

veu aquelle homem a dizer que tu... eras indi... *(Suspende-se)* Explica-te, Fernando!

MAGDALENA

Falla!... Não vês que teu pae está soffrendo uma angustia cruel? *(Silencio de instantes.)*

LIBANIO

Esse silencio é a tua condemnação!

EMILIA *(a Libanio)*

Socegue, tranquilize-se!

LIBANIO *(supplicante)*

Filho!... filho!... pois não te movem os rogos do teu melhor, do teu unico e verdadeiro amigo... de teu pae, emfim?!

FERNANDO *(levantando-se impetuosamente)*

Oh! não me peça o impossivel!

LIBANIO *(com severidade)*

Não te peço, Fernando... agora exijo a revelação d'esse segredo fatal.

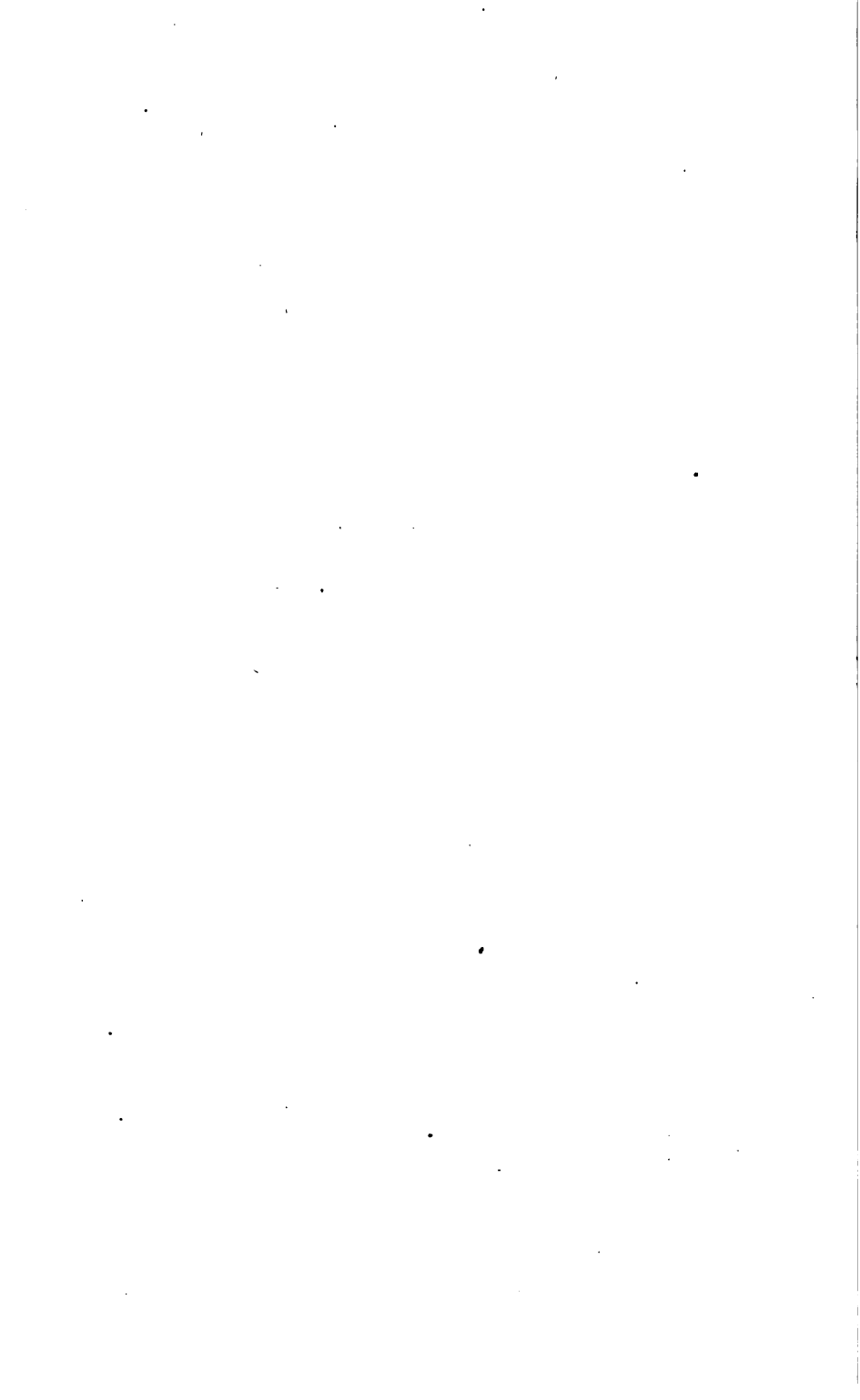
FERNANDO *(resoluto)*

Nunca! nunca o saberá! Não posso, não quero dizer-lh'o!

EMILIA *(com acrimonia)*

Fernando, é teu pae que te falla!

LIBANIO

Enganas-te!... *(Depois de breve pausa)* Este desgraçado já não tem pae! *(Magdalena recebe Fernando nos braços—A lua illumina-os—Cáe o panno.)*

ACTO III

Sala de jogo em casa do visconde. Ao fundo, a sala do baile.

—

SCENA I

O visconde e Roberto, depois Galileu

VISCONDE *(passeiando, agitado)*

Porque não viria o Fernando ao jantar? Causa-me um gravissimo embaraço...

ROBERTO *(sentado a fumar)*

Tambem a mim.

VISCONDE

Preciso tanto fallar-lhe!... Esta hora de descanço, por assim dizer... entre o jantar e o baile era uma excellente occasião para...

ROBERTO *(sorrindo)*

Para o visconde lhe pedir a somma de que precisa.

VISCONDE

Pois sabe?...

ROBERTO

Que está necessitado de dinheiro?... Sei.

VISCONDE *(em voz baixa)*

Quem lh'o disse?

ROBERTO *(levantando a voz)*

V. ex.ª mesmo.

VISCONDE *(approximando-se)*

Falle mais baixo... Não me recordo de lhe haver contado...

ROBERTO

O seu jantar e este baile de hoje é que são indiscretos e chocalheiros.

VISCONDE

Não o comprehendo, snr. Roberto de Andrade. Eu para charadas...

ROBERTO

Pois eu adivinho-as no ar. *(Com impudencia)* Tenho notado que o visconde quando precisa de... arredondar uma conta... dá um baile... ou um jantar...

VISCONDE *(com hypocrisia)*

Eu!

ROBERTO

Ora d'esta vez que dá jantar e baile, que tal não será a continha!

VISCONDE

V. ex.ª é de uma singularidade de idéas!

ROBERTO

E o visconde de uma originalidade de acções!... Qualquer outra pessoa, no seu caso, guardava o que tivesse e fazia economias... até porque as economias são da ultima moda... O visconde, porém, faz o contrario... gasta como rico, quando está mais pobre! N'isso parece-se com o paiz... V. ex.ª é um patriota eximio!

VISCONDE *(sorrindo)*

São modos de vêr as coisas!

ROBERTO

E cada um tem o direito de as vêr como lhe aprouver... N'esta bemdita quadra de liberdade, em que a imprensa é livre, a palavra livre, tudo livre, emfim... não podem abrir-se parenthesis exclusivos para certas

e determinadas idéas... É aproveitar, meu amigo, é aproveitar.

VISCONDE

Apoiado, apoiado... tres vezes apoiado!

ROBERTO *(levantando-se)*

Nós não estamos no parlamento para v. ex.ª mimosear o meu breve discurso com as phrases sacramentaes dos oradores independentes... Se um dia o visconde fôr á camara...

VISCONDE

Hei de ir... custe o que custar!

ROBERTO

Acho-lhe todas as habilitações. *(Começam de passar alguns convidados na sala do baile. — Galileu, ligeiramente embriagado, apparece entre portas)* Vou ouvir o que diz o Galileu, que está admiravelmente fallador...

VISCONDE

Graças ao meu vinho do Porto.

ROBERTO *(a Galileu)*

Dá-me o teu braço illustre descendente...

GALILEU *(continuando)*

Em linha recta!... *(Entram alguns convidados.)*

ROBERTO

Ou em linha curva, como tu quizeres... Nobre descendente do afamado sabio de Piza... vamos discutir sciencias mathematicas para ajudar a digestão.

GALILEU

Hoje prefiro discutir o mal das vinhas.

VISCONDE

Apoiado! O *oïdium tukery.* *(Saem Roberto e Galileu.)*

SCENA II

O visconde, o conselheiro, o empregado publico e convidados

VISCONDE *(apertando muito a mão ao conselheiro que entrou com os convidados)*

Como está, snr. conselheiro?... *(Baixando a voz)* V. ex.ª ha de desculpar a falta em que estou... mas não me tem sido possivel satisfazer... *(Quasi ao ouvido)* aquella continha...

CONSELHEIRO

Ora essa, snr. visconde, o que se não faz em dia de santa Luzia...

VISCONDE *(seccamente, ao empregado publico que vem cumprimental-o, e que é magro, esguio e calvo)*

Como vae, snr. Ventura?

O EMPREGADO PUBLICO

Mal... esta fraqueza de estomago não me deixa. *(Afasta-se tossindo.)*

CONSELHEIRO *(ao visconde)*

Quem é?

VISCONDE

Um pobre amanuense que ficou fóra do quadro pela ultima reforma, e que de mais a mais... faz versos!

CONSELHEIRO

Triste sestro é esse de fazer quadras, sonetos ou decimas.

VISCONDE

Decimas não faz elle... paga-as. *(A um convidado que estouvadamente lhe vem bater no hombro)* Oh! meu

caro amigo!... Li o seu jornal de hontem e achei admiravel aquella *verrina*... *(Dando-lhe familiarmente o braço)* É continuar! O systema do — *dize tu, direi eu* — é o que ha de salvar o paiz! *(Entram Libanio e Rodrigo.)*

SCENA III

Os mesmos, Rodrigo e Libanio *(Libanio vem de grande uniforme)*

RODRIGO

Visconde... quero ter a honra de lhe apresentar um amigo meu.

VISCONDE *(sem vêr Libanio)*

Os amigos dos nossos amigos, nossos amigos são. *(Affavel)* E para mim é isso um duplo prazer, porque... francamente... julguei que v. ex.ª estava zangado commigo...

RODRIGO *(sorrindo)*

Oh!... *(Apresentando Libanio)* O snr. major Libanio de Almeida, commandante do presidio da torre de S. Julião da barra.

VISCONDE *(cumprimentando muito amigavelmente)*

Tenho muito prazer... mas... tal apresentação era

completetamente inutil... *(A Rodrigo)* Este cavalheiro não é o pae do Fernando?

RODRIGO *(fallando-lhe de parte)*

Depois do que o visconde presenciou em Cintra, ficaram cortadas as relações entre o pae e o filho.

VISCONDE

Ah! *(A Libanio)* Creia que a sua visita me será sempre extremamente agradavel... Se quer jogar?... *(Indica a mesa do jogo, em volta da qual já se agrupam alguns jogadores.)*

LIBANIO

Não, senhor... Joguei apenas uma vez na minha vida, e guardei d'essa occasião uma triste memoria.

RODRIGO

O que lhe succedeu?

VISCONDE

Perdeu muito, talvez.

LIBANIO

Perdi o soldo, e tive de applicar um bom par de murros — perdoem-me a grosseria da expressão — a um trapaceiro que jogára commigo.

VISCONDE

Nunca as mãos lhe dôam !

RODRIGO

Foi quando esteve na Africa ?

LIBANIO

Exactamente.

VISCONDE

Ah ! entre os negros...

LIBANIO

Olhe, snr. visconde, na Africa e em toda a parte do mundo, ha brancos mais negros do que os proprios negros.

RODRIGO

É uma triste verdade.

VISCONDE *(curioso)*

Conte-nos como se passou o caso.

LIBANIO

Dias depois de eu chegar a Loanda, para onde fôra

ganhar o posto de tenente, acertei de me encontrar n'uma casa com um homem que tinha na cidade um armazem de molhados. *(Ouve-se uma walsa dentro)* Chamava-se o meu heroe José Joaquim da Conceição. O jogo, como sabem, era n'aquelle tempo o principal divertimento em Angola... Convidaram-me, joguei... José Joaquim da Conceição jogava com uns dados chumbados, e, para encurtar razões, roubou-me e aos demais parceiros tudo quanto levavamos.

VISCONDE

Que espertalhão!

RODRIGO

Diga antes — que ladrão!

LIBANIO

Quando conheci o logro era já tarde para me acautelar... mas não para tirar a desforra.

VISCONDE

E como se desforrou?

LIBANIO

Já tive a honra de o dizer ao snr. visconde... Com os nós d'estes dedos que v. ex.ª aqui vê.

RODRIGO

Fez justiça por suas proprias mãos. É muitas vezes o melhor.

VISCONDE

Apoiado, apoiado!

LIBANIO

Contaram-me depois que a tal prenda fôra d'aqui, aos trinta annos, para Moçambique afim de cumprir sentença por ter falsificado umas firmas... Parece que depois passára para a Africa occidental, onde vivia como negociante quando o encontrei... Era pois useiro e vezeiro no crime. Trapacear ao jogo pouco era para quem manchára a sua vida com o nefando crime de falsificador!

VISCONDE *(sorrindo)*

Como na minha casa não ha o perigo de succeder similhante desgosto... vou animar o jogo, se m'o permittem... *(Approximando-se da mesa)* Jógo!

RODRIGO *(dando o braço a Libanio, e passeiando com elle)*

Ora, seja franco... diga-me, que rasões o obrigaram a vir a esta casa e a pedir-me com tamanha instancia que o apresentasse no baile?

LIBANIO

Por emquanto nada lhe posso dizer. *(Fica entregue a visivel preoccupação.)*

RODRIGO

Não insistirei... Venha então vêr as salas... são esplendidas!... Procure libertar-se d'esse estado de melancholia de que se deixou vencer... Vamos!... *(Rodrigo e Libanio sáem — Termina a walsa, entram alguns convidados, pares dançantes.)*

SCENA IV

O visconde, Galileu, o conselheiro, o empregado publico e convidados

GALILEU *(entrando)*

Procurava-o, visconde...

VISCONDE

Aqui me tem ás suas ordens. *(Continúa jogando)* Jógo mais!

GALILEU *(ao visconde)*

Sem pejo lh'o confesso... depois do seu magnifico jantar, mudei completamente de opinião a respeito da fixidade da terra.

VISCONDE

Até que emfim!

GALILEU *(interrompendo o jogo)*

Pois meus senhores... Galileu de quem eu, como todos sabem, descendo em linha recta, fallou verdade. *(Com profunda convicção)* A terra move-se, move-se com toda a certeza! Até hoje o estou sentindo! *(Gesto de quem vê andar a casa á roda.)*

VISCONDE

Dou-lhe os parabens pela sua descoberta. *(Recomeça o jogo.)*

GALILEU *(vendo a viscondessa que entra dando o braço a Rodrigo)*

Oh! snr.ª viscondessa... *(Piza-a)* Perdão!...

SCENA V

Os mesmos, a viscondessa e Rodrigo

VISCONDESSA *(a Rodrigo, indo sentar-se)*

Não tem desculpa...

*

GALILEU

Quem, eu, minha senhora?

VISCONDESSA

Não fallava com v. ex.ª *(A Rodrigo)* Repito... não tem remedio senão dançar esta noite... foi para isso que o raptei áquelle official com quem estava na sala dos quadros.

RODRIGO

Mas peço licença para lhe dizer que detesto a dança, snr.ª viscondessa.

VISCONDESSA

Prefere o jogo?

RODRIGO

Effectivamente... quanto mais agradaveis não são as violentas commoções que as cartas nos fazem sentir!

GALILEU

Com especialidade se as cartas são... de amôr.

RODRIGO

E ainda assim devo de confessar a v. ex.ª, em honra minha, que rarissimas vezes me resolvo a jogar.

VISCONDESSA

Então defende o jogo... em theoria. Pois em todo o caso consinta que eu seja da opposição... V. ex.ª ha de convir em que o jogo foi inventado por algum espirito maligno e... *(Sorrindo graciosa)* só para os cavalheiros.

GALILEU

Peço perdão a v. ex.ª, mas até nos baralhos ha damas.

RODRIGO

E eu quando jogo, aposto sempre por ellas.

VISCONDESSA

E ganha?

RODRIGO

Nunca, minha senhora.

GALILEU

Se as damas são tão inconstantes!

UMA SENHORA MUITO IDOSA *(á viscondessa)*

Agradeça, em nome de todas nós, essa amabilidade, snr.ª viscondessa.

GALILEU

A inconstancia é a condição geral da fraca humanidade, minha senhora. V. ex.as não podem ser excepção, porque a não ha. *(Animado e gesticulando)* Aqui estou eu, que, sobre a minha notavel questão de sciencia, tinha opiniões formadas e decididas desde rapaz, e mudei completamente! Contra factos não ha argumentos... Vejo os espelhos a tremer... a casa a andar á roda... A terra move-se com toda a certeza.

RODRIGO *(á viscondessa, em voz baixa)*

Desculpemos a este maniaco os seus sacrificios em honra de Baccho. *(Vae conversar com os jogadores, e joga tambem.)*

VISCONDESSA

Ó visconde!...

GALILEU *(officioso)*

Visconde!... a snr.a viscondessa chama-o. *(O visconde approxima-se.)*

VISCONDESSA *(ao visconde, em voz baixa)*

Leve o Galileu até o jardim. *(Sorrindo)* Está mais inglez do que italiano.

A SENHORA MUITO IDOSA *(levantando-se da meza do jogo)*

Devo, snr. conselheiro. *(Approxima-se pouco depois de outra meza)*

GALILEU *(ao visconde)*

Esta senhora tem immensa graça! Quando ganha, recebe; quando perde, diz com meiguice—*devo!*— levanta-se e vae jogar para outra meza.

VISCONDE

Vamos ao jardim?

VISCONDESSA *(a Rodrigo)*

Ganha, snr. Rodrigo de Sousa?

RODRIGO

Não, minha senhora. Já tive a honra de dizer a v. ex.ª que sou muito infeliz ao jogo. *(Continua a jogar.)*

GALILEU *(tocando no hombro de Rodrigo, com intenção)*

Mas verifica-se o ditado... *(Ao visconde)* Deixemol-o com a sua infelicidade... Nobre visconde, a terra...

VISCONDE

Venha para o jardim e verá que lá fóra, ao ar livre, a terra está fixa.

GALILEU

Se quer que esteja, está. Se me obriga a confessal-o, como fizeram ao meu antecessor, de quem eu descendo em linha recta, confessal-o-hei... Está fixa! *(Quasi a sair dá um pequeno encontrão no visconde, depois vacillante e batendo com o pé no chão)* E PUR SI MUOVE! *(Sáe com o visconde.)*

SCENA VI

Os mesmos, menos o visconde e Galileu

RODRIGO *(á viscondessa)*

Não jogo mais, snr.ª viscondessa... mudo tambem de opinião, como fez Galileu.

VISCONDESSA *(zombeteira)*

Mas não pelo mesmo motivo, quero acreditar.

RODRIGO

A duvida seria...

VISCONDESSA

Offensa imperdoavel, não?

RODRIGO

Talvez... Decididamente vou dançar, e se v. ex.ª me concede a honra...

VISCONDESSA *(dando-lhe o braço e saindo)*

Mas qual é a causa d'esta inesperada conversão, as minhas palavras, ou a sua adversidade... ao jogo? *(Roberto entra, comprimenta ainda a viscondessa e fixa com attenção os que jogam como quem procura alguem.)*

SCENA VII

Roberto, o conselheiro, o empregado publico, alguns convidados, depois o visconde

ROBERTO *(descendo)*

Não o vejo! *(Depois de pausa e com raiva concentrada)* Ainda sinto na face o rubor do insulto que recebi! Ah! Fernando, lavraste a tua sentença, quando ergueste para mim a mão traiçoeira... Devias de conhecer-me!

VISCONDE *(entrando)*

O jogo corre fraco e desanimado! *(A Roberto)* Quando o Fernando não apparece, esta sala é um deserto... E vou perdendo a esperança de o vêr hoje no baile.

ROBERTO

O Fernando não falta... vem seguramente.

VISCONDE

Depois do que succedeu em Cintra ainda cá não voltou... É possivel que não queira encontrar-se com v. ex.ª

ROBERTO

Engana-se, visconde. Ha de vir, asseguro-lh'o eu. Existem dois poderosos incentivos a que o Fernando não consegue resistir.

VISCONDE

Quaes são?

ROBERTO

O primeiro... é o vicio do jogo que o domina completamente.

VISCONDE

O segundo?...

ROBERTO

Sabel-o-ha mais tarde.

VISCONDE

Sempre mysterioso e incomprehensivel! Ah!... sabe

quem me foi apresentado esta noite pelo Rodrigo de Sousa?

ROBERTO

O pae do Fernando. Sei.

VISCONDE

Tudo sabe! Provavelmente viu-o nas salas?

ROBERTO

Dou-lhe a minha palavra que ainda o não vi.

VISCONDE *(sorrindo)*

Será v. ex.ª o proprio Satanaz?

ROBERTO *(sorrindo tambem)*

Talvez.

VISCONDE

Não sei que veiu aquelle homem cá fazer. Depois de me ser apresentado, foi sentar-se na sala dos quadros e nunca mais fallou a pessoa alguma.

ROBERTO *(que tem visto Libanio apparecer ao fundo)*

Vae fallar-me agora, aposto.

LIBANIO

Snr. Roberto de Andrade...

VISCONDE *(a Roberto, fixando Libanio)*

Se não é bruxo, parece-o. Até chego a ter receio de estar muito perto de v. ex.ª... Adeus, meu amigo... *(Aperta-lhe a mão— Aos jogadores)* —Jógo! *(Musica dentro.)*

SCENA VIII

Os mesmos e Libanio

ROBERTO *(a Libanio)*

Já o esperava.

LIBANIO *(descendo)*

Recebi uma carta sua, na qual v. ex.ª instava commigo para que viesse a esta casa receber as explicações que me deve. Estou pois ás suas ordens.

ROBERTO

É cedo ainda. Seu filho ha de em breve entrar n'esta sala. Satisfarei então as suas justissimas exigencias.

LIBANIO

Estranho devéras a escolha de um baile e sobre tudo n'esta casa, para tratar de assumpto que envolve a sua honra e a minha!

ROBERTO

As circumstancias excepcionaes que a isso me obrigaram e que o senhor decerto ignora, justificam o extraordinario pedido que lhe dirigi.

LIBANIO

Quero acredital-o, mas terminemos quanto antes.

ROBERTO

Sobra-me igual desejo. *(Vendo passar ao fundo Fernando, que dá o braço a Magdalena.)* Seu filho entrou no baile... passou agora por aquella sala... Queira sair commigo por um instante. *(Cessa a musica—Entram alguns pares.)*

LIBANIO *(comsigo, seguindo Roberto)*

Que novo golpe me estará reservado? *(Sáem.)*

SCENA IX

Os mesmos, menos Libanio e Roberto

O EMPREGADO PUBLICO *(ao visconde passando a mão pela calva)*

Ah! snr. visconde, tenho perdido os cabellos!

VISCONDE

Meu caro, a epocha vae má para os empregados publicos.

O EMPREGADO PUBLICO

Jógo, sob palavra!

VISCONDE

Peça a Deus que nunca lhe paguem o ordenado n'essa moeda. *(Continua o jogo em silencio.)*

SCENA X

Os mesmos, Fernando e Magdalena

MAGDALENA *(entrando pelo braço de Fernando)*

Perdôa-me esta insistencia, Fernando, mas um presentimento...

FERNANDO

Presentimentos são chymeras a que ninguem dá attenção.

MAGDALENA

Acompanhei-te hoje pela vez primeira a esta casa... e bem sabes com quanta repugnancia! Dizia-me, porém, o coração que te seguisse, portanto não mais te deixarei... *(Supplicante)* Mas não jogues... pelo nosso amôr t'o supplico, Fernando, não jogues! *(Leva furtivamente o lenço aos olhos.)*

FERNANDO *(com algum enfado)*

Magdalena! Não vês que nos observam e que é ridiculo o que se está passando entre nós?... Tranquilisa-te! *(Carinhoso)* Então, Magdalena!... Vae para as outras salas... não quero vêr-te aqui, na sala do jogo.

MAGDALENA

Não, não me separo de ti um instante. A tua vontade é sempre a minha, mas agora...

RODRIGO *(ao fundo, dando o braço á viscondessa)*

Já v. ex.ª vê que sou completamente rebelde a Terpsichore... As musas nada querem com este mortal.

SCENA XI

Os mesmos, Rodrigo e a viscondessa

VISCONDESSA

Que modestia!... Pelo contrario, acho que v. ex.ª é um excellente par!

RODRIGO

Se houver fornada e eu fôr contemplado, talvez que a snr.ª viscondessa venha a ter rasão... Por emquanto, minha senhora, sou apenas um mau advogado no tribunal e um par detestavel nas salas.

VISCONDESSA *(a Magdalena)*

Oh! minha senhora! Que prazer, que surpreza tão agradavel! *(Maliciosa)* Julgava que não queria darnos a honra...

MAGDALENA *(atalhando)*

A honra... snr.ª viscondessa... sou eu quem a recebe. *(Fallam em voz baixa.)*

FERNANDO *(que tem comprimentado o visconde)*

Está de uma felicidade, visconde! *(Comsigo mesmo)* Que diabolica tentação!

VISCONDESSA *(a Magdalena)*

Mas é a primeira vez que se lembra de nós! *(Com malicia)* Vou pagar-lhe generosamente esse abandono, dando-lhe o melhor par que esta noite dança em minha casa... *(A Rodrigo, em voz baixa)* Jurei que o havia de obrigar a dançar. *(Alto)* O snr. Rodrigo de Sousa reclama a honra de dançar com v. ex.ª... *(Preludio de walsa dentro)* esta walsa.

RODRIGO

Logo uma walsa, snr.ª viscondessa!

FERNANDO *(acudindo pressuroso)*

Vae Magdalena, vae dançar com o Rodrigo... *(Magdalena, depois de lançar um olhar supplicante para o marido, levanta-se resignada, e dá o braço a Rodrigo.)*

VISCONDESSA *(a Fernando)*

O snr. Fernando não dança esta noite?

FERNANDO

Não, minha senhora, prefiro... *(a Magdalena)* Vae, Magdalena, vae!

MAGDALENA *(a Rodrigo em voz baixa)*

Deve de suppôr quanto me custa affectar serenidade e alegria!

RODRIGO *(tambem em voz baixa)*

V. ex.ª exagera, snr.ª D. Magdalena; não vejo rasão para tão grande pezar. *(Vão subindo.)*

FERNANDO *(logo que Magdalena chega ao fundo)*

Jógo!

MAGDALENA *(que ouve esta palavra, descendo rapidamente)*

Fernando! *(Falla-lhe em voz baixa.)*

VISCONDESSA *(a Magdalena)*

Que subita pallidez! Sente alguma coisa?

FERNANDO *(sorrindo)*

Não é nada, snr.ª viscondessa... Magdalena veiu pedir-me que lhe guardasse o leque. *(Tira-lh'o da mão, guarda-o, reconduz Magdalena que dá o braço a Rodrigo e sáe com este.)*

SCENA XII

Os mesmos, menos Magdalena e Rodrigo

VISCONDESSA *(ao empregado publico)*

Venha dançar... *(Dá-lhe o braço)* Ora que não ha nada que os obrigue a deixar a mesa do jogo !

EMPREGADO PUBLICO

Pois não ha minha senhora!... é perder a gente tudo quanto traz. *(A viscondessa e o empregado publico sáem.)*

SCENA XIII

O visconde, Fernando, o conselheiro e convidados

(Anima-se o jogo)

FERNANDO *(de parte)*

Que attracção tão poderosa... irresistivel! *(Approxima-se da mesa)* Não, não hei de jogar! *(Afasta-se subitamente)* Magdalena! anjo de bondade e amôr!... *(Approximando-se passo a passo)* Mas este vicio infernal que me domina!... este poder occulto que me está impellindo!... E acima de tudo a necessidade imperiosa... terrivel... que tenho de jogar! *(Precipitando-se, impetuoso)* Jógo!

*

CONSELHEIRO

Vem a tempo, porque eu fui á gloria. Cedo-lhe o meu logar. *(Levanta-se—Fernando occupa o logar que elle deixou, e põe sobre à mesa um maço de notas e algum dinheiro em ouro.)*

VISCONDE

Agora é que vae começar o fogo! *(Apparecem ao fundo Roberto e Libanio—Fernando não os vê.)*

SCENA IV

Os mesmos, Roberto e Libanio

ROBERTO *(a Libanio de parte)*

Está chegado o momento de lhe dar as explicações que de mim exigir.

LIBANIO

Onde está meu filho?

ROBERTO

Ali. *(Libanio fixa melancholicamente Fernando com o olhar.)*

FERNANDO *(que tem baralhado as cartas e disposto o jogo — O monte)*

Aqui teem, meus senhores... *(Silencio)* Quem joga?

ROBERTO *(adiantando-se)*

Eu! *(Fernando levanta-se perturbado.)*

VISCONDE

Luta de gigantes!

FERNANDO

Pois atreve-se?...

ROBERTO

A quê? a esquecer por momentos uma offensa, e a jogar com o senhor?... De certo!

FERNANDO

Não jógo á mesa onde v. ex.ª estiver.

ROBERTO *(com serenidade)*

O jogo, como disse muito bem o snr. visconde, é uma luta... onde, algumas vezes, se perde... a vida; portanto nenhum motivo ha para não jogar commigo.

VISCONDE

Apoiado, tem rasão!

OS JOGADORES

Jógue, jógue!

FERNANDO *(cravando em Roberto um olhar desvairado)*

Seja! Aceitarei esta luta e todas as que me propozer. *(Senta-se.)*

LIBANIO *(comsigo mesmo)*

Qual será o plano d'este homem?

ROBERTO *(friamente)*

Dez libras na quadra. *(Faz a parada — Silencio.)*

FERNANDO *(áparte, puxando para si as notas)*

Oh! comprehendo agora o fim para que elle vem jogar! *(Alto, com alegria, depois de bruxolear tremulo, as cartas)* Perdeu!

ROBERTO *(impassivel)*

Dez libras na sena. *(Áparte)* Hei de ganhar uma vez! *(Silencio profundo. — Fernando continua a bruxolear as cartas.)*

FERNANDO *(em grande agitação)*

Perdeu ainda! *(Recolhe o dinheiro — Áparte)* Estou jogando a vida!

LIBANIO *(comsigo)*

Como elle está pallido!

VISCONDE

Está feliz, o nosso Fernando! .

ROBERTO

Jógo! — Cêrco ao valete... vinte libras. *(Áparte)* Aquellas notas!...

FERNANDO *(tremulo)*

Vou jogar! *(Suspendendo-se)* Ninguem mais jóga?

VISCONDE

Ao duque. *(Outros jogadores fazem tambem algumas paradas, dizendo:* — Jógo.*)*

ROBERTO *(áparte)*

Equilibraram o jogo... protege-o a sorte! *(Fernando bruxolêa as cartas.)*

FERNANDO

Vou jogar! *(Continua na maxima agitação—Suspende-se com uma carta meia descoberta.)*

O CONSELHEIRO

Ganhou, snr. Roberto de Andrade!

FERNANDO *(acabando de descobrir a carta)*

Ainda não... é um rei! *(Continua—Profundo silencio.)*

VISCONDE

Ahi está o valete! Ganhou agora, mas á minha custa.

FERNANDO *(convulso)*

Ganhou! *(Recolhendo o dinheiro ganho aos outros jogadores, e á parte)* Se podesse pagar-lhe em oiro!... *(Dando-lhe o dinheiro em oiro)* Aqui estão sessenta libras do cêrco. *(Á parte)* Estou salvo!

ROBERTO *(comsigo mesmo)*

Fatalidade! Tudo oiro! *(Mostra o dinheiro—Alto)* Continuemos!

FERNANDO

Esta parada deu-lhe a desforra.... *(Levantando-se)* Não jógo mais! *(Libanio desce um pouco.)*

ROBERTO *(exaltando-se)*

Isso é uma fraqueza inqualificavel!

FERNANDO

Não é fraqueza... é...

ROBERTO *(atalhando)*

Medo... diga!

FERNANDO

De quê? De perder?

ROBERTO

Sim. De ser obrigado por uma perda maior, a pagar com essas notas... Tem medo... de as ver na minha mão! *(Entram Magdalena e Rodrigo, que não vêem Libanio, e logo depois alguns pares e a viscondessa.)*

SCENA ULTIMA

Os mesmos, Magdalena, Rodrigo e a viscondessa

FERNANDO *(que tem diligenciado cobrar animo, affectando serenidade)*

Porque? *(Levanta as notas de sobre a mesa.)*

ROBERTO *(precipitando-se sobre ellas)*

Porque estas notas são falsas!

LIBANIO *(descendo com impeto)*

Mente!

FERNANDO *(vendo Libanio)*

Ah! *(Magdalena approxima-se d'elle.)*

ROBERTO *(friamente)*

Seu filho que diga se eu minto. *(Silencio profundo de instantes.)*

MAGDALENA *(supplicante, a meia voz, a Fernando)*

Fernando!

ROBERTO

Aos tribunaes compete averiguar a verdade. *(Ani-*

mando-se) Meus senhores, accuso publicamente este homem de...

LIBANIO *(não o deixando completar a phrase e com vehemencia)*

Oh! não acabe!... Meu filho!... Não pode ser... não pode ser... É falso!

FERNANDO *(depois de longa pausa)*

É verdade, meu pae!

MAGDALENA

Meu Deus! O que vae ser de nós?

LIBANIO

É então verdade que commetteste um crime horrivel?!... Ouves a accusação infamante que te dirigem, e não pódes soltar uma palavra sequer em tua defeza! É então verdade! *(Contempla o abatimento em que está Fernando)* Oh! bem o sinto! O coração não me enganava!... *(Outro tom)* E conservou-me Deus a vida para ver meu proprio filho cobrir de vergonha e opprobrio, um nome obscuro mas sempre honrado... o nome da minha familia!

FERNANDO *(erguendo-se subitamente)*

A dor immensa que feriu este homem fel-o perder a rasão... Estimava-me como se estima um filho...

LIBANIO *(avançando para elle)*

Fernando!

FERNANDO

Este homem não é meu pae! A deshonra e o opprobrio que envolvem o meu nome, não pódem, portanto, manchar o seu nome respeitavel!

MAGDALENA *(á parte)*

Santa abnegação! *(Achega-se a Fernando, este repelle-a.)*

FERNANDO

Escutem-me todos!... Não tenho familia, não tenho pae, não tenho mãe, não tenho esposa... *(Ferido por uma subita idêa)* E minha filha?... Oh! mas tenho uma filha!... *(Suffocado em lagrimas e apertando a cabeça entre as mãos)* Desgraçado de mim que a perdi para sempre! — *(Cae o panno.)*

ACTO IV

Um quarto particular no Limoeiro. — Porta ao fundo. — Janella de grades á direita. — Pendurado na parede, ao lado da cama, um quadro representando um crucifixo.

SCENA I

Fernando, só

(Passeiando agitado) Porque não virá o Rodrigo?... Porque não virá a Magdalena?... Na impaciencia da minha desesperada situação, cada instante que se passa é um seculo de horrivel soffrimento! *(Escutando)* Ninguem!... Mas o Rodrigo de certo não deixa de vir... Devo-lhe muito, muito! Conhecendo-me apenas, tomou a si a defesa da minha causa com tanto ardor, tanta sollicitude, tanta energia, como se fôra um amigo, um irmão!... No tribunal as suas palavras commoveram a todos... Com a fronte illuminada pela aureola explendida do seu talento brilhante, parecia inspirado por um divino poder!... *(Com amargura)* Baldados esforços! Tudo foi inutil!... Era de justiça que eu fosse condemnado, fez-se justiça! Estou condemnado a quinze annos de degredo para a costa de Africa!

SCENA II

Fernando e Rodrigo

RODRIGO *(entrando)*

Fernando!...

FERNANDO

És tu, Rodrigo? Esperava-te ancioso.

RODRIGO

Venho trazer-te uma palavra de esperança...

FERNANDO

Que esperança posso eu ter agora?

RODRIGO

Toda. O julgamento em primeira instancia não é completamente decisivo.

FERNANDO

Mas é um passo para o degredo!

RODRIGO

Quem sabe? Podes ainda esperar que o tribunal da relação, para o qual appellaste, annulle a sentença.

FERNANDO

E se a confirmasse?

RODRIGO

Interpunha-se o recurso de revista para o supremo tribunal de justiça.

FERNANDO

Não procures illudir-me com essas palavras de conforto que nascem tão sómente da tua affeição... Estou resignado, meu amigo, e conheço que todos os esforços serão inuteis... Oh! mas prefiro que me digas sempre a verdade por mais cruel que seja.

RODRIGO

Confia na providencia, Fernando!

FEBNANDO

Suppões então?...

RODRIGO

Que serás absolvido.

FERNANDO

E quando julga o tribunal da relação o meu processo?

RODRIGO

Hoje.

FERNANDO

Hoje!... *(Pausa)* Deus de misericordia, lembra-te da minha pobre filhinha, e pela pureza d'aquella alma innocente e candida, digna-te de perdoar a um criminoso que se arrepende!

RODRIGO *(com sentimento)*

Ha de perdoar!

FERNANDO

Rodrigo, dize-me que rasões te movem a animar-me d'esse modo?

RODRIGO

Rasões que o respeito pela dignidade do tribunal me não permitte revelar-te... *(Pausa)*

FERNANDO

Não me deixes n'esta horrivel incerteza... Explica-te, Rodrigo!

RODRIGO

Lembra-te unicamente de que teu pae tem poderosos amigos e se não esqueceu de ti.

FERNANDO

Meu pae!... Não póde ser! *(Com amargura)* Enganas-te, meu bom amigo, meu pae não me protege de certo, porque para aquelle caracter inflexivel e cheio de pundonor, o meu crime não tem perdão!... Nem uma vez sequer veiu ver-me, aconselhar-me, abençoar-me emfim!

RODRIGO

Tem animo e espera... *(Consultando o relogio)* Vou para o tribunal, e logo que termine a audiencia virei... abraçar-te, Fernando, e restituir talvez a alegria a essa alma atribulada!... Adeus!

FERNANDO *(commovido, aperta-lhe a mão por algum tempo, depois, puxando-o a si, estreita-o contra o peito e com lagrimas na voz)*

Adeus!

SCENA III

Fernando, depois o fachina

FERNANDO *(descendo, senta-se e depois de grande pausa)*

Restituir-me a alegria!... Não posso acredital-o!... O tribunal ha de confirmar a sentença e depois... tudo estará acabado! Restar-me-ha apenas um momento de felicidade... será o da minha morte!.

FACHINA *(que tem entrado e ouvido as ultimas palavras)*

Ó *seu* Fernando, não esteja a chamar por ella... olhe que anda por ahi muita apoplexia, e não é bom acordar o leão que dorme.

FERNANDO

Estavas ahi, Fortunato?!

FACHINA

Homem, não me chame Fortunato, que é um nome de *embirra*. Se eu fosse Fortunato não estava a estas horas *á sombra*. Trate-me antes pela minha alcunha... Chame-me o *Piadinha*.

FERNANDO *(reparando no que o fachina traz)*

Já são horas de jantar?

FACHINA

Não, senhor; isto é o almoço... Eu vim de manhã, mas como o achei para ahi que era mesmo uma lastima, não quiz estar com estes contos... Mas agora, vá lá... que já não é cedo *(Vae estendendo o guardanapo sobre a meza, e dispondo o serviço do almoço.)*

FERNANDO *(desviando de si o trem do almoço)*

Podes levar... não tenho vontade de comer.

FACHINA

Pois não coma e não beba, e verá o que ajunta!... Ande lá *seu* Fernando, faça este sacrificio... O comer e o coçar...

FERNANDO *(Com enfado)*

Não... não posso!

FACHINA

Tristezas não pagam duvidas... Então que se lhe ha de fazer?... Metteram-o na gaiola... isso não é para embezerrar ninguem... Em toda a parte se dá ao dente, o caso é haver em quê. Cá estou eu que não como mais, porque não tenho.

FERNANDO

Ahi te fica o meu almoço, come!

FACHINA

Não, senhor... ora essa... por quem é... Se sobejar alguma coisa...

*

FERNANDO

Não quero nada... podes levar.

FACHINA

Então muito obrigado! Eu não faço desfeitas a ninguem. *(Leva o almoço para o outro lado e principia a comer.)*

FERNANDO

Como este homem pode viver alegre e descuidoso!

FACHINA

Foi uma providencia o *seu* Fernando vir balhar ao Limoeiro!... Ha males que veem por bem!... Desde que tenho casas pagas pelo estado, ainda me não regalei com um almocinho como este!

FERNANDO

E não tens remorsos do crime que commetteste?

FACHINA

Remorsos? Eu estou innocente... como o *seu* Fernando e como todos que cá estão. *(Enchendo muito a boca)* Lá vae o caso:—Estava eu á porta do Central, á boquinha da noite, quando o *seu* Roberto de Andrade... o *seu* Fernando ha de conhecer... me foi dar or-

dem para o ir esperar á porta da espelunca, lá para certos negocios...

FERNANDO *(comsigo)*

Até aqui o nome de Roberto vem ferir-me os ouvidos!

FACHINA

Fui, e á saida da *batota,* uns tres figurões travaramse de *questã* com o *seu* Roberto, lá por via de umas *partidinhas* que o fidalgo tinha feito com as cartas e que pelos modos... Emfim adiante!... Embrulha-se o tempo... eu metto-me na dança, e, não sei como nem como não, cae um dos *typos* com uma picada... *(Ao meio do theatro gesticulando e comendo)* N'isto safamse todos... canta um rouxinol... a policia acode... apanha-me com uma navalhinha na mão e fila-me! *(serio)* Mas... juro-lhe por esta, *seu* Fernando, que não fui eu que *estendi* o homem. *(Beija os dedos indica dores fazendo uma cruz.)*

FERNANDO *(comsigo mesmo)*

Este desgraçado fallará verdade?

FACHINA *(arrumando o cesto do almoço)*

Com aguas passadas não moem moinhos... O *seu* Fernando apanhou a minha historia, eu apanhei o seu almoço... Vamos com Deus que fiquei de melhor partido. *(Rindo)* Do que eu hei de ter pena é de o vêr, ao *seu* Fernando, fóra cá d'este palacio... *(Sáe.)*

FERNANDO *(só)*

Estará este homem effectivamente expiando o crime de outro? E quem será esse outro? Se é verdade o que elle acaba de me dizer, ia jurar...

FACHINA *(entrando a correr com Mariquinhas ao colo, e interrompendo Fernando)*

Aqui lhe trago uma visita...

FERNANDO *(correndo para a filha)*

Minha filha!

FACHINA *(para dentro)*

Póde entrar... *vosselencia* póde entrar... *(Magdalena entra e vae abraçar Fernando, que tem beijado e acariciado a filha.)* Eu agora sou aqui demais... *(Á parte, saindo)* Muito bom ha de ser *avezar* a gente uma mulher! *(Sáe.)*

SCENA IV

Magdalena, Fernando e Mariquinhas

FERNANDO

Magdalena! *(Beijando outra vez a filha)* Maria!... *(a Magdalena)* Porque vieste tão tarde?

MAGDALENA

Não sabes, Fernando?... Uma visita inesperada me deteve em casa até agora.

FERNANDO

Quem foi?

MAGDALENA

Não adivinhas?

FERNANDO

Não...

MARIQUINHAS *(quasi ao ouvido de Fernando)*

O avôsinho.

FERNANDO *(a Magdalena)*

Meu pae!

MAGDALENA

Sim... teu pae... mas pediu-me e instou commigo para que te não dissesse que havia estado lá em casa.

MARIQUINHAS

Então preciso eu pimenta na bôca, por ser chocalheira.

FERNANDO (*beijando-a*)

É justo... ahi tens o castigo. (*A Magdalena*) Dize-me, Magdalena, meu pae fallou-te a meu respeito?

MAGDALENA

Sempre. Apesar de tudo que tem succedido, é ainda muito, muito teu amigo!

FERNANDO

Dizia-m'o o coração!... Mas porque me abandonou elle? Porque não veiu uma vez sequer dar-me a sua mão a beijar?... É muito, Magdalena!... Este supremo esforço póde custar-lhe a vida... O soffrimento aquinhoado é menos acerbo e mais facil de supportar.

MAGDALENA

Não imaginas a triste impressão que senti hoje ao vêr teu pae!... Não parece o mesmo!... Está tão abatido, tem os olhos encovados... até os cabellos se lhe fizeram completamente brancos!

FERNANDO

Pobre pae! (*Instantes de silencio*) Está-me lembrando o tempo em que eu, da edade d'esta criança, ia muitas vezes, ao entardecer, deitar-me no collo de minha mãe, da minha santa mãe!... Extenuado de forças

por haver passado a brincar o dia inteiro, adormecia tranquillo n'um somno reparador e innocente... Gratas recordações!... Meu pae estava alli, junto de nós... Quando me succedia acordar, Magdalena... surprehendia-os... ora a contemplarem-me... ora beijando-me levemente!... Quem diria a meus paes, n'aquellas horas de suavissima intimidade, que essa criança que elles beijavam com tanto amôr, seria mais tarde o reu de um crime atroz?!... *(Pausa)* Quem póde prever o futuro?...

MAGDALENA *(estreitando a filha contra o seio e beijando-a com exaltação)*

Oh! minha querida... minha querida filha!... Deus te proteja sempre e abençôe... como eu agora o faço!

FERNANDO *(com lagrimas na voz)*

E a ti, Magdalena, quem te diria tambem, quando alegre e feliz vivias na nossa pobre casinha de outro tempo, que uma hora de ambição inspirada pelo inferno, faria do teu Fernando, do esposo que tu adoravas, um criminoso e um degredado?! *(Magdalena chora— Silencio de instantes—Mariquinhas está ao fundo, olhando attenta para o crucifixo)* Maria... vem enxugar as lagrimas de tua mãe... Pobre Magdalena! *(Á filha vendo que ella se não move)* Que estás ahi a fazer?

MARIQUINHAS

Estou a vêr o pae do ceo que a mamã trouxe para acompanhar o papá.

MAGDALENA *(subindo para junto da filha)*

Então ajoelha, minha filha.... Pede-lhe que se lembre de teu pae... e de nós! *(Mariquinhas ajoelha)* Assim... *(Ajoelhando ao lado da filha e fazendo-a pôr as mãos)* Dize commigo:—Meu Deus, que estaes nos ceos... *(Mariquinhas repete estas palavras—As duas continuam a oração, a meia voz.)*

FERNANDO *(commovido)*

E hei de abandonal-as!

SCENA V

Os mesmos e o fachina

FACHINA *(entrando)*

Ó *seu* Fernando... *seu* Fernando!... *(Vendo o grupo de Magdalena e a filha—A Fernando, a meia voz)* O que é aquillo? Estão a rezar, não estão?

FERNANDO

O que hão de fazer os anjos, senão rogar a Deus pelos infelizes?

FACHINA

Ah! o *seu* Fernando ao menos é bem feliz por ter quem peça a Deus pela sua pessoa! *(Outro tom)* Aqui

tem estas cartas... *(Entrega-lh'as; depois olhando novamente para Magdalena)* Estão-me a causar uma... uma *aquella* cá por dentro... que nem eu sei o que estou sentindo!... *(Saindo a correr e limpando uma lagrima)* Se eu ao menos soubesse rezar!...

MAGDALENA *(erguendo-se)*

Assim Deus te ouvisse, filha!

MARIQUINHAS

Nós fallámos tão baixinho! *(Fernando tem-se sentado e aberto uma carta.)*

MAGDALENA *(a Fernando)*

De quem é essa carta?

FERNANDO

Tu, Magdalena, invocaste a misericordia de Deus... eu pedi o auxilio dos homens!... Lancei mão d'este ultimo recurso... escrevi aos meus amigos... mas só dois me respondem!

MAGDALENA *(áparte)*

Que sacrificio!

FERNANDO *(sorrindo com amargura)*

Era de esperar!... A amisade d'estes senhores é fumo que se esvae ao primeiro sopro do infortunio! *(Lendo uma carta)* «Sinto achar-me completamente desprevenido no momento de receber a sua carta. Consideraveis perdas ao jogo tornam impossivel satisfazer o seu pedido.» *(Declamando)* Consideraveis perdas!... Elle que sempre ganha! *(Á Magdalena)* É do visconde... Mais um desengano! *(Entregando a Magdalena a outra carta)* Lê tu, Magdalena... essa provavelmente será tambem uma recusa, e já me falta o animo para tanta humilhação!

MAGDALENA *(depois de percorrer a carta com a vista)*

Diz, effectivamente, por outras palavras, o mesmo que a do visconde.

FERNANDO *(com vehemencia)*

Eis os amigos! Emquanto vivemos na prosperidade, todos os favores, todas as attenções nos dispensam... se porém nos persegue o infortunio, só ha a esperar d'elles o esquecimento e o desprezo... Amaldiçoados sejam!

MAGDALENA *(acercando-se de Fernando)*

Fernando, meu Fernando!... N'esta hora suprema em que a tua sorte está para decidir-se, deves banir do

coração qualquer sentimento rancoroso!... Perdôa... que Deus se lembrará de ti!

FERNANDO *(ironico)*

Deus!

MAGDALENA

Deus, sim! *(Apresentando-lhe a filha)* Olha para a nossa filha!... contempla o seu rosto angelico!... Pois não vês no dôce olhar de uma criança o dôce olhar de Deus?

FERNANDO *(tomando a si a filha e contemplando-a)*

Tens rasão, Magdalena... as crianças são do céu!... Minha filha... filha!... Cada vez que me lembra que terei de me afastar de ti!... Olha bem para teu pae... assim... abraça-me!... beija-me!... *(Mariquinhas faz o que Fernando vae indicando.)* Outra vez... outra... *(Apertando-a contra o peito)* Será possivel que haja forças que nos possam separar?... Não! Que venham!... que venham todos!... ninguem m'a poderá tirar dos braços!... ninguem m'a arrancará do peito! *(O sol entra pela janella.)*

MAGDALENA

Como elle soffre!

FERNANDO *(com explosão)*

A justiça! E chama-se justiça ao poder que separa

um pae de sua filha adorada!... Aos criminosos que são paes deviam os homens de perdoar!... Oh! mas não lhes perdoaria Deus!... É justo... é! Queria perder milhares de familias, roubando-lhes talvez o pão de seus filhos... venha o castigo!... tremendo!... horrivel!... Apartem-me agora d'esta creança, da filha que eu estremeço, para ir bem longe, com o coração dilacerado, ralar saudades e chorar lagrimas de sangue!... É justo... é!

MAGDALENA *(erguendo-se com dignidade e enxugando os olhos)*

Fernando... já o sol vem invadir este quarto... É tarde. Se a esta hora o tribunal não tem decidido a tua sorte está seguramente por instantes essa decisão... Pois bem se fôr confirmada a sentença, se tiveres de abandonar a terra que te viu nascer, eu e Maria acompanhar-te-hemos para toda a parte!

FERNANDO *(estendendo-lhe a mão)*

Obrigado, Magdalena... Tu, sempre boa e generosa, saberias morrer por mim e morrerias contente... mas nossa filha?... Não vês que esta pobre creança não poderia resistir aos insalubres climas das terras de Africa... E se a perdesse, o que seria de mim?... *(A Maria, no fim de pequena pausa)* E depois... quem sabe?... melhor fôra que morresses, filha!

MAGDALENA

Oh! não, não!

FERNANDO

Has de ser mulher... has de amar... e querer-te-ha por ventura o homem a quem déres o teu amôr? Filha de um degredado, quantas provações estarão reservadas para ti no livro immenso do destino?

MAGDALENA

É horrivel!

FERNANDO

Sim... é horrivel, mas é o castigo! Submettamo-nos! Não padece tanto meu pae?... Os tormentos porque o tenho feito passar estou-os soffrendo tambem! Elle, honrado e nobre, tem um filho criminoso; eu, criminoso e reprobo, tenho uma filha innocente! Elle padece por si, eu soffro por ella!... Meu pae padece muito, mas eu padeço ainda mais!

MAGDALENA

Fernando!... Fernando!... Ainda não é perdida toda a esperança!... Quem sabe?... Teu pae soccorreu-se a amigos poderosos... talvez que a pena seja commutada... talvez sejas absolvido...

FERNANDO *(com a fronte illuminada por um raio de alegria)*

Absolvido! Fôra um ceu de eterna felicidade!

MAGDALENA *(escutando)*

Não ouves?... Escuta!... Passos!... Oh! como o coração me bate no peito!... Escuta, Fernando! — *(Magdalena e Fernando escutam anciosos. — Pausa — A porta do fundo abre-se. — Libanio com os cabellos completamente brancos, Emilia e Rodrigo entram. — Fernando e Magdalena correm para elles.)*

FERNANDO

Meu pae!!...

SCENA ULTIMA

Os mesmos, Libanio, Rodrigo e Emilia

LIBANIO

Fernando!

MAGDALENA

A sua presença aqui annuncia-nos decerto uma boa nova... *(Libanio vae para fallar; as lagrimas embargam-lhe a voz.)*

FERNANDO

Chora, meu pae! As lagrimas n'um velho soldado são prenuncio de grandes males!... Diga-me toda a verdade!... *(Vendo Rodrigo)* Ah! *(Parte para Rodrigo)* Falla tu, Rodrigo! O que significam as lagrimas de meu pae?!

RODRIGO

Animo!

FERNANDO

O tribunal confirmou a sentença?

RODRIGO

Não... augmentou a penalidade... Estás condemnado... a trabalhos publicos por toda a vida.

MAGDALENA *(que tem seguido anciosa as palavras de Rodrigo)*

Ah! *(Abraça-se com a filha — Fernando de pé, abatido, deixa pender a cabeça sobre o peito.)*

EMILIA *(grupando-se com Magdalena e Mariquinhas)*

Minha irmã!...

LIBANIO *(descendo e abraçando o filho com transporte)*

Filho!... N'este momento sou eu que te quero aqui... junto do peito!... Meu pobre Fernando!... O arrependimento purifica o criminoso... Agora só vejo em ti um desgraçado!

FERNANDO *(abraçando o pae com effusão)*

Perdão... perdão, meu pae!... Quando a solidão no degredo é o futuro que me espera...

MAGDALENA *(interrompendo-o com enthusiasmo febril)*

Só Deus nos ha de separar!

FERNANDO

Não, Magdalena... hei de partir só, legando á sociedade o exemplo de uma severa lição!... *(Apresentando Magdalena e Mariqninhas ao pae)* Meu pae... deixo-lhe o encargo de as proteger... e peço-lhe ainda uma vez que me perdôe!... *(Vae para ajoelhar.)*

LIBANIO *(erguendo Fernando)*

Condemnou-te a justiça dos homens, absolve-te o coração de teu pae! —*(Cáe o panno.)*

ACTO V

A vista do primeiro acto — Os moveis e todos os accessorios estão collocados exactamente como ficaram ao terminar aquelle acto.

—

SCENA I

Fernando, Libanio, Magdalena, Emilia, Mariquinhas e o Medico

Fernando está recostado na marqueza como havia ficado quando fôra acommettido pelo deliquio. — Tem o olhar fixo e envidraçado. — Magdalena, junto d'elle, segue inquieta os seus mais pequenos movimentos

MAGDALENA *(meigamente, afastando os cabellos da testa de Fernando)*

FERNANDO!... Tu não me ouves?... não?

LIBANIO *(ao medico)*

Como lhe disse, doutor, eu havia chegado a casa de meu filho para o abraçar no dia de hoje, por serem os

*

annos d'aquella pequena que além está... Tem sido uma bonita festa!... Aconteceu então que circumstancias independentes da minha vontade, me obrigaram a revelar ao Fernando alguma coisa que o impressionou a ponto de elle perder os sentidos e cair como fulminado. *(Dão tres horas no relogio.)*

MAGDALENA

Trez horas! Eram duas quando succedeu o que meu pae está dizendo.

MEDICO

Ha portanto uma hora que dura a febre! *(A Libanio)* E seu filho estava tranquillo antes do senhor lhe fallar?

LIBANIO

Não, senhor. Estava com elle n'esta saleta um tal Roberto de Andrade, que costuma acompanhal-o para toda a parte... Logo depois d'esse homem sair, vim eu ter com meu filho e já o achei muito agitado.

MEDICO

Bem, bem... estou sciente... Repito, não se assustem... Isto vae ceder logo que lhe dêem o calmante que receitei.

EMILIA *(que tem estado á janella por dentro dos vidros)*

O Luiz não póde tardar; a botica é perto. *(Sáe.)*

SCENA II

Os mesmos, menos Emilia

MAGDALENA *(a Mariquinhas, fazendo com que ella afague Fernando)*

Chama-o, chama-o a vêr se elle te responde!

LIBANIO *(ao medico)*

Desculpe-me se eu disser algum disparate, porque sou tão forte em medicina como naturalmente o doutor em coisas da *militança*... mas quer-me parecer que o meu Fernando tem tido um delirio horrivel!

MEDICO

Assim é effectivamente.

MAGDALENA

De quando em quando pronuncia palavras soltas, acompanhadas de violentas contorsões! Falla em crimes... em degredo...

LIBANIO

E isto ha uma hora contada pelo relogio! *(Ao medico)* Não conviria deitar meu filho na cama?

MEDICO

Deviam de o ter feito logo que a febre se manifestou; mas já agora esperemos que elle torne a si.

MAGDALENA

Valha-nos Deus!

LIBANIO *(puxando o medico de parte)*

Falle-me sinceramente e sem rodeios... ha perigo?

MEDICO

Isto é um estado melindroso, não posso negal-o, causado provavelmente pela forte commoção de que me fallou... É necessario portanto muito socego... *(Fernando, pronuncia algumas palavras ininteligiveis)*-Escute!

FERNANDO *(em delirio)*

Meu pae... peço-lhe... ainda uma vez... que me perdôe...

MEDICO

Estas palavras são um symptoma evidente de allucinação. Isto póde ser grave, mas estou certo de que ha de passar, uma vez que tem por causa proxima uma impressão moral. *(Fernando torna a si e lança um olhar desvairado para tudo que o cérca.)*

MAGDALENA *(soltando um grito que abafa immediatamente)*

Fernando!... Tu reconhesce-me, Fernando?... *(Fernando pousa-lhe a mão sobre os cabellos)* Olha!... olha!... sou eu!... a tua Magdalena!... a esposa do teu coração...

FERNANDO

Magdalena!

MAGDALENA

Pronunciou o meu nome! Fernando... vês... a tua filha... o teu pae... vês?... *(Com lagrimas)* Oh! meu Deus, eu t'o agradeço! *(A Libanio)* Tornou a si!

MEDICO

Tranquilize-se, minha senhora.

LIBANIO

Qualquer commoção póde agora ser-lhe fatal!

FERNANDO

Magdalena!... Onde estou eu?... *(Olhando firme para Magdalena)* Não chores, filha!

MAGDALENA *(enxugando o pranto)*

Estas lagrimas são de alegria!

FERNANDO

De alegria?! Pois tu podes ter alegria, Magdalena, quando eu estou irremediavelmente perdido?... quando vaes apartar-te para sempre de mim?!

MAGDALENA

Apartar-me de ti! Porque, Fernando?!

FERNANDO

Porque? perguntas-me... Oh! mas a minha pobre cabeça perde-se n'um labyrintho de idéas!... Como estou eu aqui? *(Olhando em redor)* É a minha casa!... Sim, não ha duvida!... *(A Libanio)* Como poderam arrancar-me aos ferros da prisão?... Pois o tribunal não me condemnou?...

LIBANIO

Socega, filho! O que teem que vêr os tribunaes e as prisões com um homem de bem, como tu?

MEDICO

Lembra-se do que viu durante o delirio; é notavel! *(A Fernando)* Vamos lá... tranquilize-se! Não vê que está entre a sua familia?... que não saiu d'esta casa?...

FERNANDO *(a Magdalena, fixando o medico com a vista)*

Quem é este homem?

MAGDALENA

É o cirurgião que veiu vêr-te.

FERNANDO

O cirurgião! Mas eu não estou enfermo!

LIBANIO *(a Fernando)*

Agora estás decerto melhor; mas estiveste com febre... muita febre, durante uma hora.

FERNANDO *(attentando fixo no cabello de Libanio; — comsigo)*

Meu pae!... Vi-o com os cabellos todos brancos!... vi-o abatido pelo desgosto profundo de me saber criminoso!... recordo-me perfeitamente!... e agora... agora... vejo-o como elle era d'antes!... Oh! meu Deus! Perco-me em conjecturas! *(A Magdalena)* Magdalena!... falla-me tu, Magdalena!... dize-me o que succedeu!... a verdade! a verdade!... Não procures illudir-me, que seria matar-me!

LIBANIO *(ao medico, baixo)*

Doutor, receio muito pela rasão de meu filho.

FERNANDO *(comsigo, apertando a cabeça entre as mãos)*

Que horrivel dôr! *(Alto)* Mas fallem! Porque estou eu aqui?! *(Fica distraido.)*

MEDICO *(a Magdalena, baixo)*

Minha senhora, faça a maior diligencia por destruir as vivas impressões que elle ainda conserva, causadas pelo delirio. Vae n'isto o completo socego de seu marido.

FERNANDO *(em sobresalto, comsigo)*

Pois eu não estou condemnado a trabalhos publicos?... Não estou preso?... não vou partir para o degredo?... não tenho de separar-me para sempre de minha filha?... *(Alto)* Maria!... Onde está a Maria?

MAGDALENA *(apresentando Mariquinhas a Fernando)*

Olha, Fernando.

FERNANDO *(tomando a filha nos braços, com transporte)*

Ah!

MAGDALENA

Queres ouvir a verdade?... queres? *(Á filha)* Maria, dize a teu pae o que se tem passado desde que elle perdeu os sentidos. *(Á Fernando)* Pela bôca innocente de tua filha deves de acreditar...

FERNANDO *(descendo com a filha)*

Sim... Maria, tu vaes dizer-me... *(Depois de curta pausa e procurando coordenar idéas, comsigo mesmo)* A ambição havia-me levado ao crime... o crime déra-me a riquesa... Era em Cintra... Possuia uma casa sumptuosa... Havia um immenso jardim... *(Á filha)* Tu não estiveste n'um jardim com tua mãe?... com todos nós?

MARIQUINHAS

Não.

FERNANDO

Não! *(Comsigo)* E ella não sabe mentir! *(Pausa)* Depois... houve uma luta entre mim e Roberto de Andrade... Roberto insultou-me... provoquei-o... respondeu-me que eu era indigno de me bater com elle... lembro-me perfeitamente!... Meu pae... abandonou-me... Oh! que horrivel recordação! *(Á filha)* O avô... onde tem estado o avô, Maria?

MARIQUINHAS

Aqui.

FERNANDO

Sempre?

MARIQUINHAS

Sempre.

FERNANDO

E ella não sabe mentir? *(Comsigo)* Passado algum tempo... era n'um baile... jogava-se... dominava-me o vicio... joguei! Era jogar a vida! O dinheiro que eu possuia... as notas... *(Baixando a voz)* eram falsas!... *(Pausa)* Foi Roberto ainda quem me accusou publicamente de as haver feito... *(Olhando para a filha)* Tu não estavas n'essa occasião... eu não via o teu rosto de anjo... mas lembrei-me de ti, de ti mais do que de ninguem! *(Comsigo)* Depois... depois... ah! sim!... achei-me na prisão... julgaram-me... fui condemnado a trabalhos publicos!... *(Confusamente)* Veiu um homem... um advogado... era, era um advogado!... annunciar-me a terrivel decisão do tribunal!... *(Subitamente á filha)* Maria, tu não foste com tua mãe a uma casa, onde havia portas de ferro... grades nas janellas?... a uma casa muito triste... muito?

MARIQUINHAS

Não.

FERNANDO *(com explosão de alegria)*

E ella não sabe mentir! *(Comsigo)* Foi portanto uma visão terrivel... sim... reconheço-o agora! E só d'este modo se explicam os sucessos inverosimeis que á

minha imaginação allucinada, se apresentaram como triste realidade!

SCENA ULTIMA

Os mesmos, Emilia e logo depois Luiz

EMILIA *(entrando)*

Ahi vem o Luiz. *(Fernando volta-se.)*

FERNANDO

Emilia! Minha irmã!

LUIZ *(entrando e custando-lhe a fallar de cançado)*

Aqui está o remedio. *(Põe sobre a secretária a garrafa do remedio e vae fallar animadamente com Emilia.)*

FERNANDO

Luiz!

MAGDALENA

Sim, um verdadeiro amigo, a quem devemos hoje mais uma prova de dedicação.

LIBANIO

Vamos com Deus!... *(Batendo familiarmente no hombro de Luiz)* o senhor tem andado n'uma dobadoira!

LUIZ

Chamar um facultativo e fazer aviar uma receita, não é serviço em que se possa fallar... *(A Emilia baixo)* Ouve, Emilia... *(Continua a fallar em voz baixa com Emilia e com Libanio que se approxima d'elle.)*

FERNANDO *(comsigo)*

Nenhuma duvida me resta!... A mais suave intimidade existe entre Luiz e minha irmã! O que julguei ver foi portanto uma visão horrivel, mas redemptora!... Foi um aviso da consciencia!... *(A Magdalena)* Magdalena... como me sinto feliz no meio d'esta pobreza que ainda hontem me horrorisava!... Delirio, allucinação ou sonho, o que se passou foi para mim exemplo e resgate!... Reappareceu a luz benefica que outr'ora me dourava a existencia!... De hoje em diante a minha ambição será a felicidade no lar domestico, as alegrias da familia... e o teu amor!

MAGDALENA *(baixando a voz)*

E como eu hei-de amar-te, Fernando!

FERNANDO *(reparando no grupo formado por Luiz, Emilia e Libanio)*

Meu pae... Emilia... Luiz... quero-os a todos commigo!... *(Depois de pequena pausa durante a qual Fernando, jubiloso, contempla a todos)* Luiz... *(Esten-*

dendo-lhe a mão) esquece as palavras desabridas que esta manhã te dirigi, e consente que te chame de ora em diante... meu irmão! *(Depõe na mão de Luiz a mão de Emilia)* Meu pae abençoará de certo este enlace...

LIBANIO

Abençôo da melhor vontade, e hoje muito mais do que em outra qualquer occasião... porque podemos ter a certeza de que não voltará mais a esta casa aquelle... mofino do Roberto de Andrade...

FERNANDO *(atalhando impetuosamente)*

Não me falle mais n'esse homem!... Não quero saber d'elle, não quero tornar a vel-o!

LIBANIO

Socega, que o não verás... Fernando, quando te vi prostrado ali... *(Aponta para a marqueza)* pela dor immensa que a minha revelacão te causou, intimei esse homem para que saisse da casa que elle não sabia respeitar... Agora cumpre que o esqueças e lhe não tornes mais a fallar.

FERNANDO

Que o esqueça, não!... Lembrar-me-hei sempre dos seus perfidos conselhos! Queria roubar-me os affectos da familia e a tranquilidade do espirito, que são a verdadeira felicidade n'este mundo... Heide conservar esta recordação, para estimulo ao trabalho abençoado

por Deus! *(Ferido por uma idéa subita, corre á secretária, tira da gaveta a chapa gravada, desce contempla-a de modo a poder ser vista pelo espectador sem que os demais personagens a apercebam. Comsigo)* Esta chapa representa o abysmo de perdição onde eu ia despenhar-me, arrastando commigo os que me são mais caros!... *(Alto, á filha)* Filha, não é hoje o dia dos teus annos? Pois bem... vou offerecer-te o melhor presente que posso dar-te... É a honra de teu pae! *(Com um movimento impetuoso, dobra no joelho a chapa, inutilisando-a. Cae o panno.)*

FIM.